




Número 109
Janeiro 2011

ARAUTOS DO EVANGELHO

Associação Internacional de Direito Pontifício

*Promovendo a
devoção a Maria*



“São Francisco de Sales” - Santa
Cueva de Manresa (Espanha)

*N*a criação Deus ordenou às plantas que produzissem os seus frutos, cada qual segundo a sua espécie. Do mesmo modo ordena Ele aos cristãos, que são as plantas vivas da Sua Igreja, que produzam frutos de devoção, cada qual segundo a sua qualidade, o seu estado e a sua vocação.

(São Francisco de Sales, Introdução à Vida Devota)



Revista mensal dos
**ARAUTOS DO
EVANGELHO**

Associação privada internacional de
fiéis de direito pontifício

Ano X, nº 109, Janeiro 2011

ISSN 1982-3193

Diretor Responsável:

Pe. Pedro Paulo de Figueiredo, EP

Conselho de Redação:

Guy Gabriel de Ridder; Ir. Juliane Vasconcelos
A. Campos, EP; Luis Alberto Blanco
Cortés; M. Mariana Morazzani Arráiz, EP;
Severiano Antonio de Oliveira

Publicada por:

Associação Arautos do Evangelho do Brasil
CNPJ: 03.988.329/0001-09

Redação e Administração

Rua Bento Arruda, 89

02460-100 - São Paulo - SP

www.arautos.org.br - admrevista@arautos.org.br

SERVIÇO DE

ATENDIMENTO AO ASSINANTE:

(11) 2971-9050

(NOS DIAS ÚTEIS, DE 8 A 17:00H)

Montagem:

Equipe de artes gráficas dos
Arautos do Evangelho

Impressão e acabamento:

Divisão Gráfica da Editora Abril S/A.

Av. Otaviano Alves de Lima, 4.400 - 02909-900 - SP

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde
que se indique a fonte e se envie cópia à Redação.

O conteúdo das matérias assinadas
é da responsabilidade dos respectivos autores.

Assinatura Anual:

Comum R\$ 103,90

Colaborador R\$ 150,00

Benfeitor R\$ 200,00

Patrocinador R\$ 300,00

Exemplar avulso R\$ 9,00

Assinatura por internet:

www.revista.arautos.org.br

SUMÁRIO

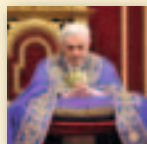
Escrevem os leitores 4



Entrevista com Dom Jean
Louis Bruguès - Magisté-
rio pontifício e universida-
des católicas

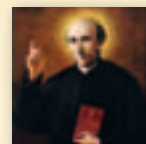
32

Balizas da liberdade (Editorial) 5



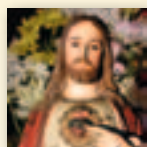
A voz do Papa –
Solicitude pela vida
nascente

6



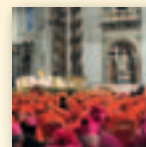
São Vicente Pallotti -
Propulsor do
apostolado leigo

36



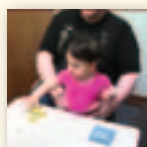
Comentário ao Evangelho –
Radical mudança de padrões
no relacionamento divino
e humano

10



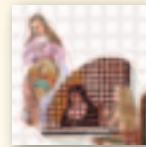
Aconteceu na Igreja e
no mundo

40



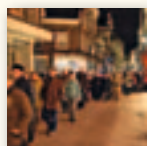
No coração do homem,
a inscrição de Deus

18



História para crianças...
A imagem do espelho

46



O Milagre Eucarístico
de Amsterdã

24



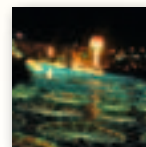
Os santos de
cada dia

48



Arautos no mundo

26



Deslumbrante tradição

50

ESCREVEM OS LEITORES



DOCTRINAÇÃO ACESSÍVEL E PROFUNDA

A revista *Arautos do Evangelho* merece os cumprimentos não só pela apresentação gráfica excelente, mas também — e principalmente — pela doutrinação larga e profunda que apresenta de uma forma simpática e acessível.

Que o Bom Deus continue a confirmar-vos nessa tarefa apostólica, onde todos somos chamados, mas de forma diferente, pois nem todos sabemos transmitir os ensinamentos da Igreja com simpatia e eficiência.

*Cônego António Gonçalves Franco Infante
Castelo Branco — Portugal*

“VOAR SEM AMARRAS!”

Escrevo para manifestar a alegria que sinto em fazer parte desta obra evangelizadora. Fiquei muito contente quando recebi, pela primeira vez, a revista *Arautos do Evangelho*, pois me senti como a linda águia da capa, a “Voar sem amarras!”. Aproveito muito cada artigo, lendo-o atentamente, e, desta maneira, enriquecendo minha vida espiritual, pois vocês trazem dentro desta Revista a grande essência da nossa Religião: a Palavra de Deus, o Evangelho bem comentado, que ilumina e esclarece nossa alma e nossa mente.

Quero felicitá-los por sua fidelidade a Cristo, à Virgem Maria e ao Papa.

*Marcelo Góis Felíz
Riachão do Dantas — SE*

FAZ-ME LUTAR PARA SER MELHOR

Recebi em outubro, como sempre, um belo número da Revista, que li devidamente. E quanto bem me fez! Algumas matérias, entre outras, fizeram-me repensar e lutar para ser melhor: as palavras de nosso Papa Bento

XVI, dando um programa de vida aos nossos pastores, os Bispos; o *Comentário ao Evangelho*, que nos expressa o quanto o homem tem necessidade de admirar; e “*Os anjos falam?*”. Por meio dessas palavras cheias de sabedoria, muito refleti e aprendi.

*Laura Salas de Fantori
Santiago — Chile*

CRESCER E AMADURECER NA FÉ

Desejo agradecer-lhes pela Revista tão bela, espiritual, formativa, educativa e interessante que me enviaram. Seus artigos nos ajudam a crescer e amadurecer na fé. Que lindo existir em nossa Santa Madre Igreja ministérios tão comprometidos com o anúncio do Evangelho, como os *Arautos do Evangelho*! Se houvesse mais ministérios igualmente comprometidos, um maior número de pessoas conheceriam Nosso Senhor Jesus Cristo, por meio de Nossa Senhora, através de seu trabalho evangelizador e de seus testemunhos de vida.

*Gabriel Cantillo Agüero
Agua Caliente de
Cartago — Costa Rica*

COMENTÁRIO AO EVANGELHO

Esta Revista é a mais importante mensageira da Igreja Católica em nossos dias. Ela nos traz mensalmente notícias e estímulo para enfrentar as dificuldades presentes, sem desânimo nem desalento. Sem dúvida, a seção que mais me atrai é o *Comentário ao Evangelho*, pela profundidade de seus ensinamentos.

*João Carlos Aguiar de Mattos
Rio Claro — SP*

EMINENTE RESPOSTA AO ESPÍRITO SANTO

Meus cumprimentos a todos os *Arautos do Evangelho* e, muito particularmente, ao seu Fundador, Mons. João Scognamiglio Clá Dias, pela eminente resposta que deu ao

Espírito Santo, ao fundar uma obra como esta, por seu ramo sacerdotal e por todo o crescimento que estão manifestando em muitas partes do mundo. Recebo a Revista há quase um ano e tenho acompanhado com alegria seu desenvolvimento.

*Greta Burneo
Quito — Equador*

INQUEBRANTÁVEL FÉ E ERUDIÇÃO

“*Voar sem amarras!*”. Assim voa meu pensamento ao escrever esta carta, tendo como objetivo cumprimentá-los e agradecer-lhes pelo envio da Revista. Como cristã católica, posso dizer que ela me faz pensar com seus artigos escritos em linguagem simples, didática, delicada, profunda e bem documentados. Predomina nos autores sua inquebrantável fé e erudição, de maneira potente perante qualquer estímulo externo, da vida terrena, que os distraia.

A beleza de seu conteúdo teológico se completa com suas preciosas fotografias. Tê-la e lê-la é um gozo para o espírito!

*Rosa Araya de la Fuente
San Pedro — Chile*

O “NORTE” QUE INDICA OS CAMINHOS DA VIDA ESPIRITUAL

Esta Revista é o “Norte” que indica os caminhos que devemos trilhar na vida espiritual, assim como nas coisas temporais é necessário ter bem presente o “Norte” físico para bem realizá-las. Ela é formativa e, como é tão belamente feita, acaba sendo um instrumento da graça em qualquer assunto que trate. Cada seção é interessante, mas o conjunto é o melhor.

Parabéns, pois a Revista nos proporciona de forma clara, objetiva e lógica um crescimento na vida espiritual, e nos estimula à admiração da Santa Igreja Católica, Apostólica e Romana.

*Antônio Zinatto Bueno Lopes
São Caetano do Sul — SP*

BALIZAS DA LIBERDADE

No Sermão da Montanha, síntese da Boa Nova, Jesus apresenta a todos os que seriam seus discípulos ao longo da História uma doutrina moral divinamente insuperável. Impossível teria sido alcançá-la apenas pela atividade da razão. Foi necessário que o próprio Verbo de Deus feito carne a revelasse, convidando, ao mesmo tempo, com o seu sublime exemplo a praticá-la na maior perfeição.

Era de esperar que os ensinamentos de Nosso Senhor, condensados de forma admirável nas oito bem-aventuranças, arrebatassem os homens de então, enchendo-os de júbilo e admiração. Tanto mais que a doutrina do Salvador mudava radicalmente os violentos costumes da época, introduzindo a bondade e a benquerença num mundo cujas relações eram dominadas pelo egoísmo.

Entretanto, não foi isso que se deu. Pelo contrário, apenas uma minoria correspondendo à graça divina se tornou cristã. E, durante quase três séculos, ela foi objeto de incompreensões, calúnias e as mais cruéis perseguições.

Ora, por que esse ódio contra aqueles que só queriam fazer o bem?

* * *

Pelo livre arbítrio, o homem tem sempre possibilidade de optar pelo mal, e a isso o impelem o clamor das paixões desregradas, que fervilham na alma após o primeiro pecado, bem como as tentações dos espíritos malignos. “Vigiai e orai para não cairdes em tentação”, exorta Jesus, “pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26, 41).

Para podermos trilhar as sendas da virtude, vencendo as armadilhas de satanás, contamos com o poderoso auxílio dos Mandamentos, valiosas balizas que separam nitidamente o que é bom do que é mau. Mas não só. Em sua infinita bondade e compaixão para com nossas dificuldades, Deus gravou em nossos corações a Lei Natural, de modo a, mesmo sem a instrução cristã, contarmos com um guia seguro para trilhar os caminhos do bem.

Com efeito, nossas almas estão dotadas de uma faculdade denominada “síndrese”, cujo papel, diz São Tomás de Aquino, é “advertir contra o erro e inclinar ao bem”. Ela é como um escrínio no qual se encontram preciosas joias: são as regras morais universais, gravadas de modo indelével em nossas almas. Por elas temos a capacidade de julgar se uma ação é boa ou má, e nossa consciência, assim iluminada, pode agir corretamente nos casos concretos, evitando cair nos abismos aos quais nos pode levar a fraqueza humana.

Todavia, quantas vezes fechamos nosso “ouvido” à voz da consciência e cedemos ao tumulto das paixões desordenadas! Nesses momentos, recorremos a racionalizações para nos justificar, mas estas não nos tranquilizam. Ao escolhermos praticar um ato mau, que pode nos proporcionar um prazer passageiro, estamos, ao mesmo tempo, abrindo a alma para sofrimentos e contrariedades, pois nossa consciência — felizmente — não nos deixará em paz.

Por que “felizmente”? Porque seu apelo nos prepara para o arrependimento e para a reconciliação com Deus, de modo a retomarmos o caminho da felicidade eterna.

Abramos nosso coração, portanto, a essa voz interior que nos alerta sobre o mal a evitar. Ela não constitui um insuportável estorvo ao nosso livre arbítrio. Pelo contrário, como as balizas que indicam o traçado de uma estrada, ela nos auxilia a usar de modo ordenado nossa liberdade, para que possamos ser bem-aventurados nesta Terra e eternamente felizes no Céu. ✧



Fiéis veneram a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria em Quintana - SP

(Foto: Sergio Céspedes Ríos)



Solicitude pela vida nascente

O amor para com todos, se é sincero, tende espontaneamente a tornar-se atenção preferencial para os mais débeis e os mais pobres. Sob esse ponto de vista se posiciona a solicitude da Igreja pela vida nascente.

Caros irmãos e irmãs, nossa reunião nesta tarde para encetar o caminho do Advento se enriquece com outro importante motivo: queremos, com toda a Igreja, celebrar solenemente uma vigília de orações pela vida nascente. Desejo exprimir meus agradecimentos a todos quantos aceitaram esse convite e a todos que se dedicam especificamente a acolher e proteger a vida humana nas diversas situações de fragilidade, sobretudo no seu início e nos seus primeiros passos.

O começo do Ano Litúrgico levamos precisamente a viver de novo a espera de Deus que Se encarna no seio da Virgem Maria, de Deus que Se faz pequeno, torna-Se menino; fala-nos da vinda de um Deus próximo, que quis percorrer a vida do homem, desde o princípio, para salvá-la totalmente, em plenitude.

Assim, o mistério da Encarnação do Senhor e o início da vida humana estão íntima e harmonicamente conexos entre si no seio do único desígnio salvífico de Deus, Senhor da vida de todos e de cada um. A Encarnação nos revela com intensa clareza e de modo surpreendente que toda vida humana tem uma dignidade altíssima, incomparável.

Deus nos faz partícipes de sua própria vida divina

O homem apresenta uma originalidade inconfundível em relação a todos os outros seres vivos existentes na Terra. Apresenta-se como sujeito único e singular, dotado de inteligência e vontade livre, e composto de realidade material. Vive simultânea e indissolavelmente na dimensão espiritual e na dimensão corpórea.

Sugere isto também o texto da Primeira Carta aos Tessalonicenses, aqui proclamado: “O Deus da paz — escreve São Paulo — vos conceda santidade perfeita. Que todo o vosso ser, espírito, alma e corpo, seja conservado irrepreensível para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo!” (I Tes 5, 23).

Somos, pois, espírito, alma e corpo. Fazemos parte deste mundo, ligados às possibilidades e às limitações da condição material; somos ao mesmo tempo abertos a um horizonte infinito, capazes de dialogar com Deus e de acolhê-Lo em nós. Agimos na realidade terrena e através dela podemos perceber a presença de Deus e tender para Ele, verdade, bondade e beleza absolutas. Saboreamos fragmentos de vida e de felicidade, e anelamos pela plenitude.

Deus nos ama de maneira profunda, total, sem distinções; convida-nos

à amizade com Ele; faz-nos partícipes de uma realidade que ultrapassa toda imaginação, pensamento e palavra: a sua própria vida divina.

Dignidade incomparável da pessoa humana

Com emoção e gratidão, tomamos consciência do valor, da dignidade incomparável de toda pessoa humana e de nossa grande responsabilidade para com todos. “Cristo, que é o novo Adão — afirma o Concílio Vaticano II —, na própria revelação do mistério do Pai e do seu amor, desvela também plenamente o homem a si mesmo e lhe manifesta sua altíssima vocação. [...] Com sua Encarnação, o Filho de Deus uniu-Se de certo modo a todo homem” (*Gaudium et spes*, n.22).

A fé em Jesus Cristo comporta também um olhar novo a respeito do homem, um olhar de confiança, de esperança. Aliás, a própria experiência e a reta razão atestam que o ser humano é um sujeito capaz de entender e de querer, autoconsciente e livre, irrepetível e insubstituível, vértice de todas as realidades terrenas, que exige ser reconhecido como valor em si mesmo e merece sempre ser acolhido com amor e respeito.

Tem ele o direito de não ser tratado como um objeto a ser possuído ou uma coisa que se pode manipular ao bel-prazer, de não ser reduzido a mero instrumento em benefício de outros e dos seus interesses. A pessoa é um bem em si mesma e deve-se sempre procurar seu desenvolvimento integral. E o amor para com todos, se é sincero, tende espontaneamente a tornar-se atenção preferencial para os mais débeis e os mais pobres.

Sob esse ponto de vista se posiciona a solicitude da Igreja pela vida nascente, a mais frágil, a mais ameaçada pelo egoísmo dos adultos e pelo obscurecimento das consciências. A Igreja reafirma sem cessar o que declarou o Concílio Vaticano II contra o aborto e qualquer violação da vida nascente: “A vida, uma vez concebida, deve ser protegida com o máximo cuidado” (*Gaudium et spes*, n.51).

Respeito à vida nascente: responsabilidade de todos

Há tendências culturais que procuram anestesiar as consciências com motivações baseadas em pretextos. A propósito do embrião no ventre materno, a própria ciência põe em evidência sua autonomia capaz de interagir com a mãe, a coordenação dos processos biológicos, a continuidade do desenvolvimento, a crescente complexidade desse organismo.

Não se trata de uma acumulação de material biológico, mas de um novo ser vivente, dinâmico e maravilhosamente ordenado, um novo indivíduo da espécie humana. Assim esteve Jesus no seio de Maria; assim esteve cada um nós no seio da respectiva mãe. Podemos afirmar com o antigo autor cristão Tertuliano: “É já um homem aquele que o será” (*Apologético*, IX, 8); não há razão alguma para não o considerar como uma pessoa desde sua concepção.



Com a oração das Primeiras Vésperas do I Domingo do Advento, o Santo Padre celebrou na Basílica de São Pedro a “Vigília pela vida nascente”

Infelizmente, mesmo após o nascimento, a vida das crianças continua a ser exposta ao abandono, à fome, à miséria, à doença, aos abusos, à violência, à exploração. As múltiplas violações de seus direitos, que se cometem no mundo, ferem dolorosamente a consciência de todo homem de boa vontade.

Perante o triste panorama das injustiças cometidas contra a vida do homem, antes e depois do nascimento, faço meu o apaixonado apelo do Papa João Paulo II à responsabilidade de todos e de cada um: “Respeita, ama e serve a vida,

toda vida humana! Somente neste caminho encontrarás justiça, progresso, verdadeira liberdade, paz e felicidade” (*Evangelium vitae*, n.5). Exorto os protagonistas da política, da economia e das comunicações sociais a fazer o quanto estiver ao seu alcance para promover uma cultura sempre respeitosa da vida humana, para procurar condições favoráveis e redes de apoio à sua acolhida e ao seu desenvolvimento. ✧

(*Excerto da homilia de 27/11/2010*
– Tradução: *Arautos do Evangelho*)



Equilíbrio entre novidade e tradição

O reformador verdadeiro é obediente na Fé: não se move de maneira arbitrária, nem se arroga qualquer poder discricional sobre o rito; não é o senhor, mas sim o guardião do tesouro instituído pelo Senhor e a nós confiado.

Nestes dias estais reunidos em Assis, a cidade onde “despontou um sol para o mundo” (DANTE, *Paraíso*, Canto XI), proclamado pelo Venerável Pio XII Padroeiro da Itália: São Francisco, que conserva intatos o seu vigor e a sua atualidade — os Santos não conhecem ocaso! — devido ao fato de se ter conformado totalmente com Cristo, de quem foi um ícone vivo.

Como o nosso, também o tempo em que São Francisco viveu estava marcado por profundas transformações culturais, favorecidas pela fundação das universidades, pelo desenvolvimento das comunas e pelo difundir-se de novas experiências religiosas.

Da Eucaristia jorra a vida evangélica de São Francisco

Precisamente naquela estação, graças à obra do Papa Inocêncio III — o mesmo do qual depois o Pobrezinho de Assis obteve o primeiro reconhecimento canônico —, a Igreja deu início a uma profunda reforma litúrgica. Expressão eminente disto foi o Concílio Lateranense IV (1215), que conta entre os seus frutos o *Breviário*. Este livro de oração continha em si a riqueza da re-

flexão teológica e da vivência orante do milênio precedente. Adotando-o, São Francisco e os seus frades fizeram própria a oração litúrgica do Sumo Pontífice: deste modo, ouvia e meditava assiduamente a Palavra de Deus, a ponto de a fazer sua e de a transpor, sucessivamente, para as orações da sua autoria, como em geral em todos os seus escritos.

O próprio Concílio Lateranense IV, considerando com atenção particular o Sacramento do Altar, inseriu na profissão de Fé o termo “transubstanciação”, para afirmar a presença real de Cristo no Sacrifício Eucarístico: “O seu Corpo e o seu Sangue estão verdadeiramente contidos no Sacramento do Altar, sob as espécies do pão e do vinho, dado que o pão é transubstanciado no Corpo e o vinho no Sangue, por poder divino” (DS, 802).

Da participação na Santa Missa e da recepção devota da Sagrada Comunhão jorram a vida evangélica de São Francisco e a sua vocação de percorrer novamente o caminho de Cristo Crucificado: “O Senhor — lemos no seu Testamento, de 1226 — infundiu-me tanta fé nas Igrejas, que assim eu simplesmente rezava e dizia: ‘Adoramos-Vos, Senhor Jesus, em todas as vossas igrejas que

existem no mundo inteiro, e bendizemos-Vos porque mediante a vossa santa Cruz Vós redimistes o mundo” (*Fontes Franciscanas*, n.111).

Sacerdotes, sede santos porque o Senhor é Santo!

É nesta experiência que encontram origem também a grande deferência que ele tinha pelos sacerdotes e a admoestação aos frades, de respeitá-los sempre e em qualquer situação, “pois do Altíssimo Filho de Deus, nada mais vejo corporalmente neste mundo, a não ser o seu Santíssimo Corpo e Sangue, que só eles consagram e só eles administram aos outros” (*Fontes Franciscanas*, n.113).

Estimados Irmãos, diante desta dádiva, que responsabilidade de vida deriva para cada um de nós! “Frades sacerdotes, prestai atenção à vossa dignidade — recomendava ainda Francisco — e sede santos, porque Ele é Santo!” (Carta ao Capítulo Geral e a todos os Frades, em *Fontes Franciscanas*, n.220).

Sim, a santidade da Eucaristia exige que se celebre e adore este Mistério, conscientes da sua grandeza, importância e eficácia para a vida cristã, mas requer também pureza, coerência e santidade de vida, da



parte de cada um de nós, para sermos testemunhas vivas do único Sacrifício de amor de Cristo. [...]

O reformador verdadeiro é obediente à Fé

O fiel autêntico, em todos os tempos, experimenta na liturgia a presença, o primado e a obra de Deus. Ela é “*veritatis splendor*” (*Sacramentum caritatis*, n.35), acontecimento nupcial, antegozo da cidade nova e definitiva, e participação na mesma; é um vínculo de criação e de redenção, céu aberto sobre a terra dos homens, passagem do mundo para Deus; é Páscoa, na Cruz e na Ressurreição de Jesus Cristo; é a alma da vida cristã, chamada ao seguimento, à reconciliação que move a caridade fraterna.

Caros Irmãos no Episcopado, a vossa reunião insere no centro dos trabalhos da assembleia o exame da tradução italiana da terceira edição típica do Missal Romano. A correspondência da prece da Igreja (*lex orandi*) com a regra da Fé (*lex credendi*) plasma o pensamento e os sentimentos da comunidade cristã, dando forma à Igreja, Corpo de Cristo e templo do Espírito. Cada palavra humana não pode prescindir do tempo, mesmo quando, como no caso da liturgia, constitui uma janela que se abre para além do tempo. Por conseguinte, dar voz a uma realidade perenemente válida exige o sábio equilíbrio de continuidade e de novidade, de tradição e de atualização.

O próprio Missal está inserido no contexto deste processo. Com efeito, cada reformador verdadeiro é uma pessoa obediente na Fé: não se move de maneira arbitrária, nem se arroga qualquer poder discricional sobre o rito; não é o senhor, mas sim o guardião do tesouro instituído pelo

Senhor e a nós confiado. A Igreja inteira está presente em cada liturgia: aderir à sua forma é uma condição de autenticidade daquilo que se celebra.

Hoje, a esfera moral foi limitada ao âmbito subjetivo

Esta razão impele-vos, nas alteradas condições do tempo, a tornar ainda mais transparente e praticável a mesma Fé que remonta à época da Igreja nascente. Trata-se de uma tarefa ainda mais urgente numa cultura que — como vós mesmos relevais — conhece “o eclipse do sentido de Deus e o ofuscamento da dimensão de interioridade, a formação incerta da identidade pessoal num contexto pluralista e fragmentado, as dificuldades de diálogo entre as gerações e a separação entre inteligência e afetividade” (*Educare alla vita buona del Vangelo*, n.9). Estes elementos constituem o sinal de uma crise de confiança na vida e influem de maneira relevante no processo educativo, em que as referências fiáveis se tornam transitórias.

O homem contemporâneo tem investido muitas energias no desenvolvimento da ciência e da técnica, atingindo nestes campos metas indubitavelmente significativas e consideráveis. No entanto, este progresso foi alcançado muitas vezes em detrimento dos fundamentos do Cristianismo, nos quais se arraiga a fecunda história do Continente Europeu: a esfera moral foi limitada ao âmbito subjetivo e Deus, quando não é negado, é de algum modo excluído da consciência pública.

Todavia, a pessoa cresce na medida em que faz a experiência do bem e aprende a distingui-lo do mal, para além do cálculo que considera unicamente as consequências de uma ação individual, ou que utiliza como

critério de avaliação a possibilidade de a realizar.

Congregar em torno da responsabilidade educativa

Para inverter a rota, não é suficiente uma exortação genérica aos valores, nem uma proposta educativa que se contente com intervenções puramente funcionais e fragmentárias. Pelo contrário, há necessidade de um relacionamento pessoal de fidelidade entre indivíduos dinâmicos, protagonistas da relação, capazes de assumir uma posição e de pôr em jogo a própria liberdade (cf. *Educare alla vita buona del Vangelo*, n.26).

Por este motivo, é oportuna como nunca a vossa opção de congregar em torno da responsabilidade educativa todos aqueles que valorizam a cidade dos homens e o bem das novas gerações. Esta aliança indispensável não pode deixar de começar a partir de uma renovada proximidade à família, que reconheça e fomenta o seu primado no campo da educação: é no seu interior que se plasma o semblante de um povo. [...]

Ao longo deste itinerário, exortovos a valorizar a Liturgia, como fonte perene de educação para a vida boa do Evangelho. Ela introduz no encontro com Jesus Cristo que, com palavras e obras, edifica constantemente a Igreja, formando-a nas profundidades da escuta, da fraternidade e da missão. Os ritos falam em virtude do seu intrínseco bom senso e da sua comunicabilidade, e educam para uma participação consciente, dinâmica e frutuosa (cf. *Sacrosanctum concilium*, n.11). ✧

(*Excertos da Mensagem ao Cardeal Angelo Bagnasco, por ocasião da 62ª Assembleia Geral da Conferência Episcopal Italiana, 4/11/2010*)

Todos os direitos sobre os documentos pontifícios estão reservados à Libreria Editrice Vaticana.
A íntegra dos documentos acima pode ser encontrada em www.vatican.va

O vasto panorama dominado pelo Mar da Galileia sugeria a imensidade do globo terrestre como auditório para aquelas palavras

Ao fundo: Vista desde o Monte das Bem-aventuranças. Em destaque: Vitral do Convento de Tyburn, Londres

Gustavo Kraij



EVANGELHO

“Naquele tempo: ¹ Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte e sentou-se. Os discípulos aproximaram-se, ² e Jesus começou a ensiná-los: ³ ‘Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus. ⁴ Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados. ⁵ Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra. ⁶ Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. ⁷ Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão mise-

ricórdia. ⁸ Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus. ⁹ Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus. ¹⁰ Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. ¹¹ Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo disserem todo tipo de mal contra vós, por causa de Mim. ^{12a} Alegrai-vos e exultai porque será grande a vossa recompensa nos Céus” (Mt 5, 1-12a).

Radical mudança de padrões no relacionamento divino e humano

No Sermão da Montanha, Nosso Senhor ensinou uma nova forma de relacionamento diametralmente oposta aos princípios e costumes vigentes no mundo antigo. À crueldade e à dureza de trato, veio contrapor a lei do amor, da bondade e do perdão, belamente sintetizada nas oito bem-aventuranças.



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

I – JESUS PROCLAMA UMA DOUTRINA INOVADORA

A figura majestosa do Messias e sua surpreendente doutrina ao mesmo tempo intrigavam, impunham respeito e atraíam. Do seu olhar profundo e sereno dimanava ilimitada bondade. Atendia todos os pedidos, curava todos os doentes. Até aqueles que tocavam na orla do seu manto ou eram apenas acariciados por sua sombra, viam-se favorecidos por sua benfazeja onipotência. D’Ele os aflitos recebiam inefável consolo.

Os milagres tornavam-se mais numerosos e uma multidão cada vez maior O seguia com crescente admiração: “O povo todo ficava fascinado quando ouvia Jesus falar” (Lc 19, 48). Jamais se vira em Israel profeta semelhante.

Cativados estavam também os Apóstolos que havia algum tempo acompanhavam esse Taumaturgo dotado de tão extraordinário poder: por sua ação, cegos passaram a ver, coxos a andar, surdos a ouvir, leprosos ficavam limpos e posses viram-se libertos. Mas julgavam erroneamente os discípulos, em consonância com o geral do povo, que Ele viera para estabelecer o domínio de Israel sobre as demais nações da Terra. Era-lhes ainda desconhecida a verdadeira fisionomia do Reino pregado pelo Divino Mestre e as regras que deveriam regê-lo, pois, como afirma Fillion, “até então Jesus anunciara a seus compatriotas a vinda do Reino de Deus, instando-os a nele entrar, mas ainda não havia descrito em pormenores as qualidades morais que deviam adquirir para serem dignos de pertencer a ele”.¹

*A figura
majestosa
do Messias
intrigava,
impunha
respeito e
atraía*

Era a ocasião propícia para apresentar de público a suma dos ensinamentos que a Igreja haverá de guardar, defender e anunciar, ao longo dos séculos

Momento oportuno para explicitar a nova doutrina

A passagem do Evangelho aqui comentada corresponde ao momento em que Cristo começa a explicitar sua inovadora doutrina. Vários meses haviam transcorrido desde o início da sua vida pública. Encontrava-se Ele agora nas redondezas de Cafarnaum, junto ao Mar de Tiberíades, aonde tinham ido para ouvi-Lo e serem curadas “pessoas de toda a Judeia, e de Jerusalém, e do litoral de Tiro e Sidônia” (Lc 6, 17).

Acabava Jesus de escolher doze dentre seus discípulos, aos quais dera o nome de Apóstolos (cf. Lc 6, 13-16), preparando assim a fundação da sua Igreja. Era essa a ocasião propícia para apresentar de público uma suma dos ensinamentos que a Esposa de Cristo, ao longo dos séculos, haverá de guardar, defender e anunciar a todos os povos. É o que Nosso Senhor vai fazer no Sermão da Montanha, verdadeira síntese do Evangelho e píncaro da perfeição da Nova Lei. Servem-lhe de exórdio as oito bem-aventuranças, como portal magnífico de um palácio incomparável.

Gustavo Krallj



Pela ação de Jesus, cegos passaram a ver, coxos a andar, surdos a ouvir, leprosos ficavam limpos e possessos viram-se libertos

“Cura de um homem cego” -
Catedral de Gloucester, Inglaterra

Neste sermão o Messias, “a título de fundador e legislador da Nova Aliança, declara a seus súditos o que lhes pede e o que deles espera, se querem servi-Lo com fidelidade”.²

Violenta ruptura com antigos costumes e preconceitos

Difícil nos é hoje, após dois milênios, compreender a novidade radical contida nessas palavras do Divino Mestre. Trouxeram elas para o mundo uma suavidade nas relações dos homens entre si, e destes com Deus, desconhecida no Antigo Testamento e, *a fortiori*, pelas religiões dos povos pagãos.

Afirma, a esse propósito, o Cardeal Gomá: “Não estamos hoje em condições de apreciar a transcendência desse discurso de Jesus, pois respiramos na atmosfera cristã produzida no mundo por aqueles divinos ensinamentos. [...] Precisamos remontar aos tempos dos grosseiros erros do paganismo, que os ouvintes de Jesus respiravam naquela ocasião [...] para podermos avaliar o profundo contraste entre os ensinamentos do Mestre e a cultura e sensibilidade de seus ouvintes”.³

Com efeito, as palavras de Nosso Senhor vão provocar uma completa transformação dos costumes da época, marcados pelo egoísmo, pela dureza de trato e até mesmo pela crueldade.

Elas são próprias a determinar também uma violenta ruptura com “os preconceitos dos contemporâneos de Jesus sobre o reino messiânico e o próprio Messias — já que esperavam um Messias forte e poderoso na ordem temporal, formidável guerreiro que deveria subjugar as nações e colocá-las sob a fécula de Judá, tendo Jerusalém como capital gloriosa”.⁴

A felicidade não está no pecado

Afirma o eloquente Bossuet: “Se o Sermão da Montanha é o resumo de toda a doutrina cristã, as oito bem-aventuranças são o resumo do Sermão da Montanha”.⁵ Elas sintetizam, de fato, todos os ensinamentos morais dados pelo Redentor ao mundo e estabelecem os princípios de relacionamento prevalentes em seu Reino.

Ao praticá-las, o homem encontra a verdadeira felicidade que busca sem cessar nesta vida e jamais poderá encontrar no pecado. Pois, quem viola a lei de Deus no afã de satisfazer suas paixões desordenadas afunda cada vez mais no vício até se tornar insaciável. “Todo aquele

que comete o pecado é escravo do pecado” (Jo 8, 34), adverte Jesus.

As almas puras e inocentes, ao contrário, desfrutam já nesta Terra de uma extraordinária alegria de alma, mesmo no meio de sofrimentos ou provações.

Passemos agora a analisar cada uma das oito bem-aventuranças, vibrantes verdades cujo enunciado se sucede em majestosa cadência, com um ritmo elevado, digno, imponente, próprio da Pessoa Divina que as proclamava: “Bem-aventurados, Bem-aventurados, Bem-aventurados...”.

II – OS PRINCÍPIOS MORAIS DA NOVA LEI

“Naquele tempo: ¹Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte e sentou-Se. Os discípulos aproximaram-se, ²e Jesus começou a ensiná-los...”

Para fazer a solene proclamação de sua doutrina, não escolheu Jesus uma sinagoga, nem sequer o Templo. Proferiu essas oito magistras sentenças ao ar livre, numa pequena meseta situada na margem noroeste do Mar de Tiberíades, perto de Cafarnaum.⁶

Como sublinha Fillion, “grandiosa era a cátedra da qual ia falar, em consonância com o assunto do próprio sermão”⁷: por teto tinha o céu; por palco, uma montanha e não existiam paredes... Diante de Si, o vasto panorama dominado pelo Mar da Galileia sugeria a imensidade do globo terrestre como auditório para aquelas palavras que, passando de região em região ao longo dos séculos, levadas pelos lábios dos Apóstolos e seus sucessores, chegaram até nós — dois mil anos depois — tão vivas como se tivessem sido pronunciadas hoje.

Pobreza material e pobreza de espírito

³ “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus”.

A mentalidade própria aos espíritos mundanos em todos os tempos repete: “Bem-aventurados os ricos e os poderosos, porque eles conseguem satisfazer todos os seus caprichos e apetências”. Era essa a máxima de vida dos povos pagãos da Antiguidade, e continua a ser hoje, nos ambientes em que Nosso Senhor Jesus Cristo deixou de ser o centro.

O Divino Mestre, pelo contrário, vai proclamar: “Quem quiser vir após Mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-Me” (Mt 16, 24). Ou: “É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus” (Lc 18, 25).

Portanto, a contraposição entre a doutrina do Homem Deus e o espírito do mundo não poderia ser mais completa! Assim, bem podemos imaginar o estupor dos que O seguiam, ouvindo-O exaltar o oposto da felicidade, segundo era entendida pela mentalidade daquela época: “Bem-aventurados os pobres em espírito”!

Tanto mais que Jesus era exemplo vivo e modelo insuperável dessa inovadora doutrina. Criador do Céu e da Terra, escolhera como berço uma manjedoura posta numa gruta fria, aquecida apenas pela presença de um boi e um burro. E após trinta anos de existência humilde e oculta, pôde dizer durante sua vida pública: “As aves têm seu ninho, as raposas têm suas tocas, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça” (Lc 9, 58).

Cabe ressaltar, entretanto, não estar Nosso Senhor tratando aqui principalmente da pobreza material, como aponta com acuidade o Papa Bento XVI, em seu livro *Jesus de Nazaré*: “A pobreza da qual aqui se fala nunca é um fenômeno puramente material. A pobreza puramente material não salva, embora os desfavorecidos deste mundo possam seguramente contar de modo muito particular com a bondade divina. Mas o coração das pessoas que nada possuem pode estar endurecido, intoxicado, corrompido — interiormente cheio de cobiça, esquecido de Deus e ávido apenas de bens materiais”⁸.

Os “pobres de espírito” mencionados pelo Divino Mestre neste versículo não são os carentes de dinheiro, mas os homens desapegados dos bens deste mundo, sejam estes muitos ou poucos, para seguirem a Jesus Cristo.

Em meio à abundância e prosperidade, pode um rico ser pobre de espírito, pela prática da caridade e pela submissão à vontade de Deus, em função da qual administra sua riqueza. O santo homem Jó é disto um dos mais belos exemplos. Por outro lado, um pobre, revoltado com a sua condição, dominado pela inveja, pela ambição ou pelo orgulho, será um “rico de espírito” ao qual o Reino dos Céus jamais poderá pertencer.

Consiste, portanto, a pobreza de espírito na aceitação da própria contingência, na compe-

A mentalidade própria aos espíritos mundanos repete: “Bem-aventurados os ricos e os poderosos, porque eles conseguem satisfazer todos os seus caprichos e apetências”

*A mansidão
elogiada por
Cristo con-
siste, sobre-
tudo, em ser
o homem
constante-
mente senhor
de si mesmo*

netração da nossa total dependência de Deus, a quem tudo devemos, e na certeza de ser a nossa existência um mero caminho para chegar até o Céu. Quem assim procede, é feliz já nesta vida, pois, estando livre de todo apego desordenado e voltado para os bens espirituais, possui de alguma maneira, pela graça, a bem-aventurança eterna.

O valor do sofrimento diante de Deus

⁴ “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados”.

À natureza humana decaída repugnam a dor, o sacrifício e mesmo qualquer esforço. Entretanto, na segunda das bem-aventuranças enaltece Nosso Senhor o pranto daqueles que suportam o sofrimento físico e a dor moral por razões sobrenaturais, como em expiação pelos próprios pecados, ou — o que é mais nobre — em reparação pelas culpas alheias. Bem-aventuradas são as santas lágrimas desses aflitos, que tanta consolação lhes podem trazer ao ajudá-los a ver o vazio dos bens passageiros e a merecer os eternos.

Bem-aventurados serão eles também porque Deus nunca deixa de confortar, já nesta Terra, quem aceita a dor e, à imitação de Jesus Cristo, se ajoelha diante da cruz e a oscula antes de tomá-la aos ombros. Seu gozo não será pequeno, pois, como afirma São João Crisóstomo, “quando é Deus quem nos consola, embora caiam so-

bre nós as dores como os flocos de neve, superamos todas. Ele sempre nos dá uma recompensa superior aos nossos trabalhos”.⁹

A verdadeira mansidão

⁵ “Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra”.

A mansidão elogiada por Cristo neste versículo consiste, sobretudo, em ser o homem constantemente senhor de si mesmo, controlando as próprias emoções e impulsos. Ela lhe impede de murmurar contra as adversidades permitidas por Deus, e o leva a não se irritar com os defeitos dos irmãos, procurando, pelo contrário, desfazer os desentendimentos e desculpar com generosidade as ofensas recebidas.

Os mansos de coração não só evitam a discórdia com o próximo, mas empregam todos os meios para que ela não se estabeleça entre os irmãos. Suportam o peso da vida, conformando-se sempre com a vontade de Deus. Santo Agostinho faz-lhes este elogio: “Quando estão bem, louvam a Deus; quando mal, não blasfemam; nas boas obras que fazem, glorificam a Deus, e nos pecados, acusam-se a si mesmos”.¹⁰ E mais uma vez o santo Jó, com sua admirável fidelidade durante a terrível provação, ser-nos-á exemplo dessa virtude.

E qual é a terra que os mansos possuirão? A terra dos vivos: o Céu. Porém, já neste mundo, mesmo em meio a dores e tristezas, desfrutam de uma constante alegria no fundo da alma, antegozo do Reino Eterno.

As leis do espírito diferem das do corpo

⁶ “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados”.

Ter fome e sede de justiça equivale a desejar a santidade. Jesus louva aqui a árdua batalha daqueles que, visando atingir a perfeição moral, lutam para progredir na vida espiritual, examinam com rigor sua consciência e combatem com energia os próprios defeitos.

Ora, as leis do espírito são distintas das do corpo. Quanto mais alimento espiritual recebe a alma, mais aumenta nela a apetência pelos bens eternos, porque Deus infundiu na natureza humana uma aspiração por uma felicidade sem limites. Como, então, poderão ser saciados os que “têm fome e sede de justiça”?



“Jesus ensinando aos Apóstolos” - Catedral de Santo Isaac, São Petersburgo (Rússia)

Nosso apetite pelos bens eternos só será perfeitamente satisfeito no Céu, onde o próprio Deus será nossa recompensa. Mas, já nesta terra, bem-aventurados são aqueles que se alimentam com fervor do Pão dos Anjos e bebem com delícias a água do Espírito oferecida por Jesus à samaritana (cf. Jo 4, 14).

Com a medida com que medirdes...

⁷ “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”.

Por vezes, sentimos verdadeiro horror em perdoar, pois consideramos ser conforme à justiça tratar cada um estritamente segundo os seus atos e méritos.

Entretanto, o Bom Pastor nos convida aqui a desculpar as fraquezas de nossos irmãos e nos compadecer de suas misérias. Mais adiante, no próprio Sermão da Montanha, levará Ele essa doutrina até um extremo inimaginável: “Amái os vossos inimigos, e fazei o bem aos que vos odeiam. Falai bem dos que falam mal de vós e orai por aqueles que vos caluniam. [...] Fazei o bem e prestai ajuda sem esperar coisa alguma em troca. Então a vossa recompensa será grande. Sereis filhos do Altíssimo, porque Ele é bondoso também para com os ingratos e maus. Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6, 27-28.35-36).

No dia do Juízo, o Redentor nos tratará da mesma forma como tivermos tratado o nosso próximo: “Com a medida com que medirdes sereis medidos” (Lc 6, 38). Quem tem misericórdia, perdoa as debilidades dos outros com facilidade, e é por sua vez perdoado, segundo o pedido feito no Pai-Nosso: “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” (Mt 6, 12). Porque, acrescenta Jesus, “se vós perdoardes aos outros as suas faltas, vosso Pai que está nos Céus também vos perdoará. Mas, se vós não perdoardes aos outros, vosso pai também não perdoará as vossas faltas” (Mt 6, 14-15).

O privilégio de ver a Deus nesta vida

⁸ “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus”.

Ao ouvir falar em “puros de coração”, pensa-se logo na virtude angélica. Porém, como explica Fillion, essas palavras “não designam exclusi-



“Se vós perdoardes aos outros as suas faltas, vosso Pai que está nos Céus, também vos perdoará” (Mt 6, 14).

vamente a castidade, mas o afastamento do pecado, a isenção de toda mácula moral. O coração é aqui considerado, à maneira hebraica, como o centro da vida moral”.¹¹

O alcance desta expressão é, portanto, bem mais amplo e profundo. O puro de coração tem todas as intenções e aspirações voltadas para o Altíssimo e para o benefício do próximo. Admirando tudo quanto é santo, nobre e elevado, transborda do desejo de fazer bem aos demais, por amor a Deus.

No esforço de descrever a íntima união dessas almas com seu Criador, recorre Bossuet a sugestivas comparações: “Um cristal perfeitamente límpido, um ouro perfeitamente refinado, uma fonte perfeitamente clara não igualam a beleza e a limpidez de um coração puro. [...] Deus Se compraz em mirar-Se nele como num belo espelho: imprime-Se nele em toda a sua beleza”.¹²

Seria, entretanto, um equívoco julgar que o prêmio prometido nesta bem-aventurança refere-se exclusivamente à eternidade, exigindo toda uma vida de abnegação e aridez a fim de alcançar a Visão Beatífica. Pelo contrário, como ensina São Tomás, nas bem-aventuranças Nosso Senhor promete também para este mundo a recompensa.¹³ E Fillion afirma que a pureza de coração confere “já nesta Terra, um começo de

O puro de coração tem todas as intenções e aspirações voltadas para o Altíssimo e para o benefício do próximo

Não devemos poupar meios quando se trata de alcançar a harmonia entre os corações e elevá-los até Deus

visão, um conhecimento mais perfeito do Deus que Se revela às almas puras”.¹⁴

Como se dará isto? Sem dúvida, por meio da graça. Pois, enquanto a impureza cega as almas para tudo quanto é elevado, quem tem um coração limpo vê Deus nesta vida através da fé, admirando os reflexos divinos nas criaturas; sobretudo, contemplando a ação da graça nas almas. É esta, aliás, uma das mais belas e altas manifestações de Deus nesta Terra.

Como se tornar um verdadeiro filho de Deus

⁹ “Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus”.

Todos os promotores da verdadeira paz — que é a tranquilidade da ordem, segundo a célebre definição de Santo Agostinho¹⁵ — serão chamados filhos de Deus.

Ora, para irradiar a paz é preciso começar por desfrutar dela no próprio interior. Isso significa não ter suscetibilidades nem ressentimentos, sabendo ceder oportunamente às exigências do próximo, ainda quando forem ou parecerem injustas, desde que não nos façam incorrer em pecado. À prática desse princípio do modo mais radical possível nos convidam as palavras pronunciadas mais adiante pelo Senhor, no mesmo Sermão da Montanha: “Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra. E ao que te tirar a capa, não impeças de levar também a túnica” (Lc 6, 29).

Agir assim exige verdadeiro heroísmo. Mas Cristo nos ensina que não devemos poupar meios — mesmo dolorosos — quando se trata de alcançar a harmonia entre os corações e elevá-los até o Criador.

Se quisermos, portanto, ser “filhos de Deus”, aprendamos a ser pacíficos, atendendo à bela exortação de Bossuet: “Tenhamos sempre palavras de reconciliação e de paz, para dulcificar a amargura de nossos irmãos contra nós ou contra os outros; procuremos sempre amenizar as más referências, evitar as inimizades, as friezas, as indiferenças, enfim, reconciliar os que estão em desacordo. Isso é fazer a obra de Deus e mostrar-se filhos seus, imitando sua bondade”.¹⁶

A alegria na perseguição

¹⁰ “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. ¹¹ Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem e perseguirem, e mentindo disserem todo tipo de mal contra vós, por causa de Mim. ^{12a} Alegrai-vos e exultai porque será grande a vossa recompensa nos Céus”.

Por amor à justiça, isto é, à santidade, passaremos sem dúvida nesta vida por momentos em que seremos incompreendidos e mesmo perseguidos.

Nessas circunstâncias, não devemos nos deixar abater. Lembremos, pelo contrário, que Deus é o Senhor da História e nada acontece sem sua permissão, por mínimo que seja: “Não se vendem dois pardais por uma moedinha? No entanto, nenhum deles cai no chão sem o consentimento do vosso Pai” (Mt 10, 29). O Criador tem tudo contado, pesado e medido. E age sobre os acontecimentos visando sempre, junto com sua própria glória, a salvação dos que são seus. Por isso, afirma São Paulo: “Tudo quanto acontece, concorre

¹ FILLION, Louis-Claude. *Vida de Nuestro Señor Jesucristo. Vida pública*. Madrid: Rialp, 2000, v.II, p.94.

² Idem, *ibidem*.

³ GOMÁ Y TOMÁS, Isidro. *El Evangelio Explicado*. Barcelona: Casulleras, 1930, v.II, p.158.

⁴ Idem, *ibidem*.

⁵ BOSSUET. *Meditations sur l'Évangile*. Versailles: Lebel, 1821, p.4.

⁶ Alguns autores opinam que a Montanha das bem-aventuranças é o monte hoje conhecido também pelo nome de Cornos de Hattin, situado a meio caminho entre Caná e Cafarnaum (cf. GOMÁ Y TOMÁS, *op. cit.*, p.155-156).

⁷ FILLION, *op. cit.*, p.92.

⁸ BENEDETTO XVI. *Gesù di Nazaret*. Milano: Rizzoli, 2007, p.100-101.

⁹ SAN JUAN CRISÓSTOMO. *Obras. Homilias sobre el Evangelio de San Mateo*. Madrid: BAC, 2007, p.275.

¹⁰ SAN AGUSTÍN. *Obras - Homilias*. Madrid: BAC, 1955, v.X, p.53.

¹¹ FILLION, Louis-Claude. *La Sainte Bible commentée*.

para benefício dos justos” (Rm 8, 28).

Em quantas ocasiões não foram os santos objeto das mais injustas perseguições, por amor à verdade? Porém, não perderam a confiança na Providência Divina, nem externaram ressentimento contra os seus perseguidores, aos quais tratavam com caridade e sem ódio pessoal, mas também com a inegável superioridade do homem que pratica a virtude, em relação a quem se deixa arrastar pelo vício.

Por isso, o próprio Deus Se encarregará de recompensá-los muito além do merecido: possuirão o Reino dos Céus, um prêmio eterno, infinitamente superior a todo sofrimento padecido nesta vida.

III – CONVITE À RADICALIDADE DO BEM

A doutrina das bem-aventuranças revelou para todo sempre, como vimos, o vácuo da felicidade fundada na satisfação das paixões desregradadas e na posse dos bens materiais. Pois, como ensina magistralmente o Santo Padre, “os critérios mundanos são subvertidos quando a realidade é examinada na perspectiva correta, isto é, sob o ponto de vista da escala de valo-



Timothy Ring

O padrão de virtude que Cristo nos propõe nas bem-aventuranças não é outro senão Ele mesmo, o próprio Deus!

"Sagrado Coração de Jesus" - Casa Mãe dos Arautos do Evangelho, São Paulo

res de Deus, a qual difere da escala de valores do mundo”.¹⁷

Com essas oito sentenças, porém, Cristo indicou a via para alcançar o Céu, onde veremos a Deus face a face e participaremos da própria vida divina, possuindo a mesma felicidade da qual Ele

goza. E quem rege sua conduta de acordo com elas começa por antegozar espiritualmente, já nesta Terra, a felicidade eterna.

As bem-aventuranças não são, portanto, frases para serem estudadas apenas com a inteligência, de modo frio, mas sim princípios de vida a serem lidos e meditados com o coração, com o calor de alma de quem quer se pôr a caminho, seguindo os passos de Nosso Senhor.

Com uma suavidade toda divina, elas nos convidam à radicalidade na prática do bem, pois o padrão de virtude que nelas Cristo nos propõe não é outro senão Ele mesmo, o próprio Deus! ✧

As bem-aventuranças não são frases para serem estudadas apenas com a inteligência, mas princípios de vida a serem lidos e meditados com o coração

Paris: Letouzey et Ané, 1912, v.VII, p.43.

¹² BOSSUET, op. cit., p.16.

¹³“Assim, pois, tudo o que nas bem-aventuranças se [...] afirma como prêmio pode ser ou a própria bem-aventurança perfeita, e nesse sentido pertence à vida futura, ou algum início da bem-aventurança, como ocorre entre os santos, e nesse sentido

os prêmios pertencem à vida presente. Com efeito, quando alguém começa a progredir no exercício das virtudes e dos dons, pode-se esperar dele que chegará à perfeição de sua caminhada aqui e na pátria” (SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, I-II, q.69, a.2, resp.).

¹⁴ FILLION, *La Sainte Bible commentée*, op. cit., p.43.

¹⁵“A paz da Cidade Celestial é a ordenadíssima e concordíssima união para gozar de Deus e, ao mesmo tempo, em Deus. A paz de todas as coisas, a tranquilidade da ordem” (*De civitate Dei*, lib. XIX, c.XIII).

¹⁶ BOSSUET, op. cit., p.18-19.

¹⁷ BENEDETTO XVI, op. cit., p.95.

No coração do homem, a inscrição de Deus

Toda criança nasce com uma inata capacidade de distinguir o bem do mal. Trata-se de uma “tendência natural” chamada de *sindérese* na tradição filosófica e teológica. Ela é comprovada por experiências científicas recentes.



Pe. Joshua Alexander Sequeira, EP

Vou contar um caso, leitor, que certamente lhe é familiar. Ao relatá-lo, desejo chamar a atenção para um importante ensinamento nele contido, a respeito do qual poucas vezes refletimos. Afinal, como dizem os sábios, as grandes verdades muitas vezes estão escondidas nas realidades mais comuns.

Imaginemos a cozinha de um lar onde a mãe termina de enfeitar um bolo, espalhando confeitos sobre a cobertura. Enquanto isso, o filhinho acompanha cada um de seus gestos, fascinado pelas cores e pelo delicioso aroma que se propaga pela casa. Concluído o serviço, ela guarda na geladeira a iguaria e avisa:

— Agora vou sair, e você não toque neste bolo, pois é para o aniversário de seu irmão!

O pequeno meneia afirmativamente a cabeça. Dali a pouco encontra-se sozinho na casa. Brinca um pouco no jardim, mas seu pensamento permanece em outro lugar. Não resiste e caminha rumo à geladeira, apenas para olhar... Afinal, passa o dedinho pela saborosa cobertura para provar... e depois aca-

ba se servindo fartamente do doce: além de alguns confeitos, não deixa de comprovar a qualidade da massa, e depois volta para o jardim, deixando por todos os cantos adocicadas e ingênuas impressões digitais.

Quando a mãe retorna, logo percebe as “marcas do crime”.

— Foi você?! — pergunta.

— Não, não fui eu! — responde o filho.

— Não está mentindo? — indaga a mãe, e o pequeno logo enrubescce.

Quem o ensinou que não se pode mentir? Ninguém... Em sua tenra idade, nem frequentou as aulas de Catecismo ainda. E nem sequer conhecia o sentido da palavra “mentir”. No entanto, seu rubor constitui a melhor prova de ter ele compreendido a maldade de uma mentira, simplesmente ao tomar contato com ela.

Intuir os primeiros princípios morais

Com efeito, as Sagradas Escrituras, a Tradição e a filosofia apontam para a existência de uma qualidade da alma humana de intuir os primeiros princípios morais, desde os pri-

mórdios do uso da razão, capacitando-a a orientar-se com eficácia no rumo da reta conduta. Nesse sentido, é significativa a admoestação de São Paulo aos romanos: “Quando os gentios, que não têm Lei, fazem naturalmente as coisas que são da Lei, esses, não tendo Lei, a si mesmos servem de Lei e mostram que o que a Lei ordena está escrito nos seus corações, dando-lhes testemunho disso a sua própria consciência e os seus pensamentos, que os acusam ou defendem” (Rm 2, 14-15).

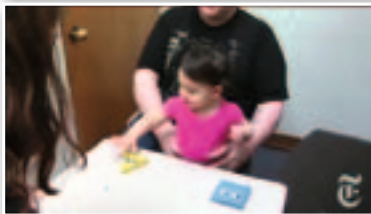
Ao comentar o Livro de Gênesis, assinala São João Crisóstomo como nossos primeiros pais já discerniam a moralidade de seus atos: depois de pecar, Adão e Eva se escondem de Deus. Caim, disfarçando sua verdadeira intenção ao convidar Abel a ir com ele ao campo, revela também não ignorar a malícia do ato que premeditara praticar: o primeiro homicídio. E, tal como fizeram seus pais, ao ser interrogado finge desconhecer seu crime. Portanto, já nos primórdios da sociedade, ainda sem possuir letras, profetas ou juízes, todos conheciam seus deveres morais.¹

Pesquisas científicas o confirmam

Mas, para que nossa reflexão não permaneça circunscrita aos tempos imemoriais, será de interesse analisar as contribuições oferecidas por modernos estudos. Uma equipe de cientistas do Departamento de Psicologia da Universidade de Yale (Connecticut, EUA), liderada pelo Prof. Paul Bloom, vem realizando pesquisas cujos resultados, vistos por muitos como uma descoberta inédita — em certo sentido, de fato o é —, corroboram o magistério multissecular da Igreja, e “contrariam aquilo que foi ensinado durante décadas a legiões de graduandos em psicologia”.²

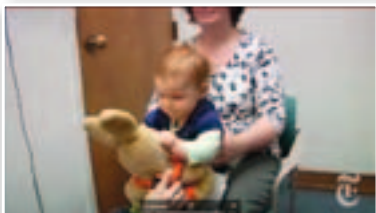
Reunindo grupos de bebês de 6 a 10 meses — muito antes, portanto, do uso da razão —, os peritos apresentaram-lhes a seguinte situação: uma bola de desenho animado tenta escalar uma íngreme colina. Por duas vezes ela cai sem conseguir alcançar o objetivo, mas na terceira é ajudada por um triângulo e chega por fim ao topo. Logo a cena se repete com uma variante: por mais duas vezes tenta a bola subir a ladeira sem consegui-lo e, na terceira, em lugar de receber ajuda, um quadrado a empurra para baixo. Interessadas, as crianças acompanham o desenrolar da trama e reagem de forma surpreendente: 80% se manifestam a favor do triângulo amigo e rejeitam o quadrado malévolo.

Prosseguindo nas experiências, os psicólogos apresentaram um cachorro de brinquedo tentando abrir uma caixa. Aproxima-se dele um urso de pelúcia e oferece-lhe uma ajuda, mas chega outro urso, senta-se sobre a caixa e impede a operação. A grande maioria dos bebês, quando estimulada a eleger um dos dois, escolhe o urso prestativo. Num terceiro enredo, surge em cena um coelho ladrão que rouba a bola de um gato, enquanto outro a devolve. Neste caso, crianças de cinco meses escolhem o coelho benfazejo, e algumas



80% das crianças se manifestaram a favor do triângulo amigo

As descobertas de Bloom sustentam a opinião de que a capacidade de avaliar os indivíduos a partir de suas interações sociais é universal e não aprendida



Crianças de cinco meses escolhem o coelho benfazejo

Fotogramas do vídeo difundido pelo New York Times em sua página web

um pouco maiores tomam a iniciativa de bater no malvado.

Aprofundamentos rigorosos feitos a partir dessas constatações comprovam que os bebês diferenciam ações sociais como inerentemente boas ou más, e atribuem boas e más qualidades a quem as pratica, por vê-las como originadas de predicados essenciais e intrínsecos (e não superficiais ou extrínsecos) do agente.

O mais revelador, entretanto, ocorreu quando bebês de oito meses tiveram que escolher entre bonecos que premiavam ou puniam o coelho *benfazejo* e o *malvado*. Em se tratando do ‘bom’ coelho, a escolha infantil ia para o boneco que o premiou; mas, no caso do *malvado*, os bebês preferiam aquele que lhe castigava, apesar da predileção generalizada por atos bons nos outros experimentos. Poder-se-ia afirmar que eram bebês justiceiros!³

“Evidentemente, muitos aspectos de um sistema moral plenamente desenvolvido estão fora do alcance de crianças que ainda não falam. [...] Nossas descobertas indicam que seres humanos se envolvem na avaliação social numa fase de desenvolvimento muito anterior ao que se pensava previamente, e sustentam a opinião de que a capacidade de avaliar os indivíduos a partir de suas interações sociais é universal e não aprendida”,⁴ concluem Bloom e seu grupo.

“Élan” para a retidão e para a justiça

Estamos, portanto, diante de um hábito inato da alma humana que antecede e prepara de forma espontânea o juízo da consciência, constituindo o ponto de partida sobre o qual se construirá o edifício da moralidade.⁵

Amplamente estudado pela Escolástica, este *habitus* é chamado de *synderese*, e foi definido pelo Papa Paulo VI como uma “tendência natural” que guia o espírito para o “recurso interior a princípios inatos relativos ao agir humano, os quais ultrapassam os

limites da esfera subjetiva e voltam-se para a origem da atividade consciente”.⁶ Glosando São Tomás, o então Cardeal Ratzinger a definiu em 1991 como “uma íntima repugnância pelo mal e uma íntima atração pelo bem”.⁷

São Tomás de Aquino nos fala com mestria a esse respeito nas *Questões disputadas – Sobre a verdade*, onde explana a essência e necessidade da *sindérese*: “Em consequência, para que seja possível a retidão nos atos humanos, deve haver algum princípio permanente de inquebrantável integridade, em referência ao qual todos os atos humanos sejam examinados, de modo que esse princípio permanente resista a todo mal e confirme todo bem. Esta é a *sindérese*, cujo papel é advertir contra o erro e inclinar ao bem”.⁸

Ou seja, o hábito da *sindérese* nos possibilita uma intuição rápida e certa dos primeiros princípios que regem os atos morais, como o exemplo do bolo e as experiências com bebês denotam. Toda pessoa o possui pelo simples fato de ser racional; no período anterior ao do uso pleno da razão, ele atua no mesmo lusco-fusco em que age a própria razão; e no posterior, conduz ao cerne da verdade moral, propiciando à consciência emitir um parecer e oferecendo as condições para que este seja verdadeiro.

Donde concluímos sem esforço existir no homem um *élan* para a retidão e para a justiça, o qual lhe é tão natural quanto o ar que respira ou as cores que enxerga.

Não é a *sindérese* uma aptidão adquirida, pois — embora não nascamos com ideias latentes, as quais conheceríamos sem saber, como pretenderam Sócrates e Platão — trazemos desde o berço este selo indelével que nos conduz à intuição dos primeiros princípios. Mesmo assim, é sabido que a *sindérese* não nos oferece princípios explícitos e formulados, tornando-se indispensável, por tal motivo, explicitar os

termos que compõem os princípios, mediante o contato experimental com a realidade concreta: os bebês acima mencionados, por exemplo, não reagiriam como foi visto, sem o confronto com o comportamento dos bonecos. Mas, será a partir de constatações como estas que, na idade da razão, serão plasmados todos os critérios morais que nortearão o curso de suas existências.

Sindérese e consciência

Por mais que o poderoso auxílio da *sindérese* nos acompanhe a todo o momento, sempre caberá ao homem a deliberação sobre seus atos particulares, e aqui desponta o papel desempenhado pela consciência.

Uma grande diferença se impõe entre sindérese e consciência: a primeira é infalível, enquanto a segunda é passível de erro

O padre Victorino Rodríguez, OP, definiu a consciência como “um juízo ditado pela própria razão, com base nos princípios da moralidade, sobre a licitude ou ilicitude do que o homem concretamente fez, está fazendo ou fará”.⁹ Numa palavra, a *sindérese* aponta o princípio universal que será aplicado pela consciência ao ato concreto, e por isso o tomismo não qualifica esta última como um hábito, nem sequer uma potência, mas sim como um ato, um julgamento.¹⁰ Assim, a *sindérese* indica sempre que a mentira é ilícita, mas é a consciência que deve aplicar este princípio a circunstâncias particulares, como: aparecer bem diante dos outros, evitar um castigo ou proteger a reputação alheia.

Embora seja função primária e própria da consciência julgar o ato que se executa presentemente, em um determinado momento e lugar, ela pode também analisar acontecimentos do passado, enquanto conformes ou desconformes aos princípios da moralidade, ou criar um sentido de responsabilidade moral em relação a algo que será feito. Três episódios bíblicos nos dão exemplo disto.

Ao ser feita à casta Suzana uma proposta indecorosa por dois anciãos do povo (cf. Dn 13, 20), saltou-lhe no mesmo instante à mente a claríssima noção de que aquele ato era contrário à Lei de Deus. Sua reação, louvável pela integridade da opção, indica uma fidelidade à *consciência concomitante*, que manda, proíbe ou permite o ato no momento de ser praticado: “Prefiro cair, sem culpa alguma, em vossas mãos, do que pecar contra o Senhor” (Dn 13, 23), respondeu ela.

Distinto foi o caso em que o Divino Mestre, em resposta aos fariseus que pediam a punição da adúltera, disse: “Quem dentre vós não tiver pecado, atire a primeira pedra!” (Jo 8, 7). E começou a traçar na areia inscrições misteriosas que afugentaram os delatores: “A essas palavras, sentindo-se acusados pela sua própria consciência, eles se foram retirando um por um, até o último, a começar pelos mais idosos” (Jo 8, 9). Era a *consciência consequente* — que aprova, acusa ou escusa o ato já praticado — a recriminar-lhes o erro abraçado há largo tempo.

Já na heroica epopeia relatada pelo Primeiro Livro dos Macabeus, quando chega aos ouvidos do povo hebreu o decreto do rei Antíoco, ordenando a todos o abandono da religião do Deus vivo, Matatias e os seus decidem não prevaricar: “Numerosos foram os israelitas que tomaram a firme resolução de não comer nada de impuro, e preferiram a morte antes que se manchar com os alimentos” (I Mc 1, 62).

Ora, essa escolha precedeu de muito o dia em que foram chamados a sacrificar diante de todos, significando uma deliberação da *consciência antecedente*, a qual manda, proíbe ou permite um ato futuro.

Vemos assim o quanto consciência e sindérese estão intimamente entrelaçadas. Todavia, uma grande diferença se interpõe entre ambas. A segunda é infalível: da mesma forma como o princípio de contradição nos fixa na certeza de que um homem não é uma árvore nem um pássaro, a sindérese sempre nos dirá que o furto é um mal, como também o homicídio, o perjúrio e os demais vícios. A consciência, ao contrário, é passível de erro, pois ela pode emitir seu juízo conjugando um falso princípio particular — por ignorância ou culpa — ao princípio universal da sindérese, ou pode também aplicar este inadequadamente ao caso específico. Seja como for, todos têm obrigação de trabalhar para corrigir os erros da consciência moral, frutos da debilidade humana após o Pecado Original, ou do meio social.¹¹

Por que faz o homem o mal que não quer?

Sabemos o quanto o intelecto humano possui admirável coesão: não gostamos de mentiras, falsidades ou enganos. Sentimo-nos desgostosos quando descobrimos uma simulação e, sobretudo, quando presenciamos uma iniquidade. Por outro lado, vibramos de entusiasmo perante a proclamação da justiça, ou diante de um audacioso ato em defesa do bem. O “não te é lícito!” (Mc 6, 18) com que São João Batista invejtiu Herodes, ou o intrépido brado de Matias: “Não nos desviaremos de nossa religião nem para a direita, nem para a esquerda” (I Mc 2, 22), suscitam em nós exclamações de júbilo, por exprimirem de forma paradigmática aquilo que sentimos ser a *recta ratio*, a reta razão.



Sergio Holimann

“São Paulo” - Pórtico dos Apóstolos, Catedral de Notre Dame, Paris

*“Quando os gentios,
que não têm Lei, fazem
naturalmente as coisas
que são da Lei, [...] mostram que o que a
Lei ordena está escrito
nos seus corações”
(Rm 2, 14-15)*

Essas reações são fruto da sindérese, a qual, como afirma o Doutor Angélico, jamais poderá ser destruída.¹² Pelo contrário, ela continua existindo até nos condenados às penas eternas, sendo “causa primária daquele ‘verme roedor’ de que nos fala o Evangelho (Mc 9, 34). Não é ele outra coisa senão uma perpétua acusação e remorso dos pecados cometidos, que atormenta a consciência daqueles infelizes”.¹³

Há, portanto, na natureza humana uma fundamental e ontológica apetência do bem, da qual o vício não faz parte, pois ele “não é natural, mas é

o fruto de atos humanos”.¹⁴ Surge aqui uma pergunta crucial, repetida por pessoas de todas as gerações, e de aparência sempre nova, apesar de tão antiga: por que escolhemos o erro? Por que agimos tantas vezes de maneira reprovável?

Num desafio, São Paulo parece querer traduzir essa perplexidade do gênero humano ao dizer: “O querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo. Não faço o bem que quero, mas o mal que não quero” (Rm 7, 18b-19).

Bem aparente e bem real

Depois da entrada do pecado na História, pela queda de nossos primeiros pais, o homem tornou-se propenso a praticar uma espécie de pseudobem, que deleita as más inclinações da alma decaída mantendo, entretanto, aparência de retidão. Sem essa aparência, a prática do pecado seria inconcebível, pois “é psicologicamente impossível para o homem que a vontade humana se lance à possessão de um objeto se este não é apresentado pelo entendimento como um bem”.¹⁵

De que forma pode o homem confundir o bem aparente com o real? A maneira em que cai o entendimento nesse grande erro — fundamento de todo pecado — é pormenorizadamente descrita pelo padre Royo Marín ao tratar sobre a “psicologia do pecado”.

Ao apreciar o valor de um objeto criado, explica o teólogo dominicano, a inteligência pode se enganar facilmente considerando certos aspectos desse objeto lisonjeiros para alguma das partes do composto humano, enquanto vê, por outro lado, que o mesmo objeto apresenta também aspectos rejeitáveis, por exemplo, sob o ponto de vista moral.

Entre ambos os extremos, a inteligência fica em dúvida. Se ela conseguir prescindir da “gritaria das paixões”, apresentará esse objeto a

vontade como algo inconveniente e esta o rejeitará com energia e presteza. “Mas se a inteligência deixar de prestar atenção naquelas razões de inconveniência e se fixar cada vez mais nos aspectos lisonjeiros para a paixão, chegará o momento em que prevalecerá nele a apreciação errônea de que, afinal de contas, é preferível nas atuais circunstâncias aceitar aquele objeto que se apresenta tão sedutor. E, fechando os olhos ao aspecto moral, apresentará à vontade aquele objeto pecaminoso como um verdadeiro bem, isto é, como algo digno de ser apetecido. [...] A inteligência, ofuscada pelas paixões, terá incorrido no erro fatal de confundir um bem aparente com um bem real”.¹⁶

Nessa perspectiva, por exemplo, o homem será levado a mentir para “evitar um mal maior”, a roubar para “equilibrar riquezas” ou a cometer um assassinato para “defender o bem comum da nação”...

“Sem Mim nada podeis fazer”

Com muita razão, afirmava o Cardeal Ratzinger: “O caminho elevado e árduo que conduz à verdade e ao bem não é um caminho cômodo. Ele desafia o homem”.¹⁷ A este propósito, ensina São Tomás: “No estado de corrupção, o homem

falha naquilo que lhe é possível pela sua natureza, a tal ponto que ele não pode mais por suas forças naturais realizar totalmente o bem proporcionado à sua natureza. Entretanto, o pecado não corrompeu totalmente a natureza humana a ponto de privá-la de todo o bem que

“É psicologicamente impossível para o homem que a vontade humana se lance à possessão de um objeto se este não é apresentado pelo entendimento como um bem”

lhe é natural. [...] Ele [o homem] parece um enfermo que pode ainda executar sozinho alguns movimentos, mas não pode mover-se perfeitamente como alguém em boa saúde, enquanto não obtiver a cura com a ajuda da medicina”.¹⁸

Este unguento sobrenatural é a graça divina. Sem ela, na expressão do padre Philippon, “um abismo in-

transponível separa a criatura de seu Criador”,¹⁹ e o homem se vê abandonado à própria debilidade, no dilema entre o bem desejado e as solicitações da concupiscência. A graça “é um auxílio trazido por Deus ao homem para fazê-lo querer o que é bom e agir bem”,²⁰ sem cuja assistência torna-se quimérica a plena fidelidade à sindérese, e impossível a familiaridade com Deus.

Quando meditamos sobre a Santa Ceia e repassamos as palavras de Jesus: “Sem Mim nada podeis fazer” (Jo 15, 5), quiçá não meçamos a extensão desse “nada”, e o sentido estrito em que deve ser entendido. A plenitude da liberdade reservada a cada um de nós jamais será atingida sem que o Redentor nos ampare no íntimo de nosso ser e nos conduza, Ele mesmo — sempre com o assentimento de nossa vontade —, a todas as formas de bem.

Sob o influxo da graça, começa a secar-se o pântano do erro e tornamo-nos capazes de dirigir nossas ações conforme os critérios mais nobres, porque eles passam a nos apeteer mais que as solicitações inferiores. Nasce a força para cumprir os bons propósitos, aquietam-se as paixões, a *fomes peccati* deixa de ser avassaladora e se estabelece uma harmonia semelhante à que pos-

¹ Cf. SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. *Homília XII sobre as estátuas*. PG 49, 131-134.

² BLOOM, Paul. The Moral Life of Babies. In: *The New York Times Magazine*, 9/5/2010, p. MM44: www.nytimes.com.

³ Idem. Os vídeos de alguns testes estão acessíveis no mesmo site citada acima.

⁴ HAMLIN, J. Kiley; WYNN Karen; BLOOM Paul. *Social evaluation by preverbal infants*. In: *Nature*. London, 2007, v.450, p.558-559.

⁵ São Tomás chama a sindérese de “um hábito natural especial” (SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, I, q.79, a.12, resp.); uma disposição interior inata, que atua como um *habitus*: “O *habitus* dos primeiros

princípios, que se chama sindérese” (Idem, I, q.79, a.13, ad 3.). Sobre os hábitos, sua natureza, distinção, possibilidade de perda e diminuição, São Tomás trata com profundidade na *Suma Teológica*, I-II, q.49-54.

⁶ PAULO VI. *Audiência geral*, 13/7/1977.

⁷ RATZINGER, Joseph. “Elogio della coscienza: il brindisi del Cardinale”

In: *Il Sabato*, 16/3/1991, p. 83-91.

⁸ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *De Veritate*. q.16, a.2, sol.

⁹ RODRÍGUEZ Y RODRÍGUEZ, OP, Victorino. *Temas-clave de humanismo cristiano*. Madrid: Speiro, 1984, p.134.

¹⁰ ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Teología Moral para seglares*. 7.ed. Madrid: BAC, 1996, v.I, p.157.



A plenitude da liberdade reservada a cada um de nós jamais será atingida sem que o Redentor nos ampare no íntimo do nosso ser

“Santa Ceia” - Basílica de Notre Dame, Montreal

suía nosso pai Adão no Paraíso. O Apóstolo das Gentes, tendo rogado ao Divino Mestre que o livrasse “do estímulo da carne”, recebeu a mais consoladora das promessas: “Basta-te a minha graça, porque é na fraqueza que se revela totalmente a minha força” (II Cor 12, 9).

A voz da integridade

Na maravilhosa trajetória de seus vinte séculos de existência, a Santa Igreja foi transmissora da graça e educadora dos povos. Fiel aos desígnios de seu Fundador, soube levar ao mundo inteiro a salutar medicina dos Sacramentos e curar a fundo a natureza humana ferida pelo pecado. Sob sua influência, floresceu a verdadeira moralidade.

Hoje, entretanto, talvez mais do que nunca, inúmeros dos nossos coetâneos parecem empenhados em trilhar vias bem diversas, arrastando incontável número de almas a procurar nas práticas mais reprováveis e pecaminosas a felicidade que estas não lhe podem dar. Em algumas sociedades, até, parecem ter sido abafadas as legítimas aspirações da alma humana para alimentá-la com um veneno de morte, cujas lamentáveis consequências todos podemos comprovar.

É o momento de não esquecer que no coração do homem sempre palpitarão santos anseios e o inextinguível desejo de encontrar nesta vida reflexos da eterna bem-aventurança e perguntar-se como revigorá-los ou fazê-los renascer.

Quando o Papa João Paulo II lançava da Cátedra de Pedro o brado: “A Igreja precisa de santos!”²¹, fazia-o sabendo ser o exemplo dos justos o mais poderoso meio de suscitar nas almas o senso moral adormecido. Pois a mera presença de um bem-aventurado é poderosa voz capaz de atingir, sem retóricas ou argumentações, a zona mais profunda do coração humano.

Ao desejarmos santidade e procurarmos caminhar rumo à perfeição, podemos estar certos, portanto, de que o testemunho vivo de nossa integridade será um eficaz instrumento para libertar e revigorar nas almas o senso moral entorpecido pelo relativismo do mundo moderno. Isso confere um grandioso sentido à nossa vida cristã! ✨

¹¹ Cf. Catecismo da Igreja Católica, n.1793.

¹² “Num ato particular, o juízo universal da sindérese é destruído quando alguém escolhe pecar. Porque nessa escolha, a força da concupiscência, ou de outra paixão, absorve tanto a razão que o juízo universal da sindérese não é aplicado ao ato particular. Mas isso não destrói a sindérese em seu conjunto, mas

apenas em certo sentido. Portanto, absolutamente falando, concluímos que a sindérese nunca é destruída” (SÃO TOMÁS DE AQUINO. *De Veritate*, q.16, a.3, resp.). Ver também *Scriptum super sententiis*, l.2, Dist.39, q.3. a.1.

¹³ ROYO MARÍN, op. cit., p.159.

¹⁴ MONGILLO, OP, Dal-mazio. In: *Suma Teoló-*

gica. São Paulo: Loyola, 2005, v. IV, p.289.

¹⁵ ROYO MARÍN, op. cit., p.232.

¹⁶ Idem, p. 233.

¹⁷ RATZINGER, op. cit.

¹⁸ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*, I-II, q.109, a.2, resp.

¹⁹ PHILIPON, OP, Marie Michel. *Los dones del Espíritu Santo*. 2.ed.

Madrid: Palabra, 1985, p.251.

²⁰ NICOLAS, OP, Jean-Hervé. In: *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2005, v.IV, p.839.

²¹ Mensagem para a XX Jornada Mundial da Juventude, 6/8/2004.

O Milagre Eucarístico de Amsterdã

Um milagre acontecido na pacata Amsterdã do século XIV é ainda hoje fonte de devoção eucarística para os milhares de católicos que participam da “Procissão do Silêncio”.



Aldo Leone

Corria o inverno do ano de 1345. Amsterdã, capital dos Países Baixos, era na época uma pequena cidade de pescadores à margem do rio Amstel. Na fria noite de 15 de março, poucos dias antes do Domingo de Ramos, o pároco foi chamado a atender um enfermo residente na atual Rua Kalver. Acorrendo sem demora, o sacerdote ministrou-lhe a Unção dos Enfermos e a Sagrada Comunhão. Alguns momentos após sua saída, a violência da enfermidade obrigou o homem a vomitar numa vasilha, na qual ficou depositada inclusive a Hóstia consagrada. Sem fazer qualquer verificação, sua esposa ou uma enfermeira — não se sabe ao certo — atirou o conteúdo da vasilha ao fogo que crepitava na lareira.

Antes do amanhecer, retornando ao quarto do doente, ela pousou casualmente o olhar sobre as chamas e, com enorme surpresa, viu flutuar sobre elas o Pão Eucarístico, em perfeitas condições, como se acabasse de ser consagrado pelo sacerdote. Estendeu a mão e, sem quei-

mar-se, tirou do fogo a Sagrada Forma, colocou-a numa caixa e logo em seguida foi comunicar o fato ao pároco. Este apressou-se em voltar ao local, recolheu a Hóstia milagrosa e levou-a para a igreja.

No dia seguinte, porém, a mulher abriu por acaso a caixa onde na véspera havia depositado a Sagrada Hós-

tia e — oh surpresa! — encontrou-a lá novamente! No mesmo instante, chamou o padre e este a trasladou de volta para a igreja. O mesmo milagre se repetiu ainda mais uma vez.

Deus queria tornar público o milagroso fato

Vendo nessa insistência um sinal de que Deus queria tornar público o acontecido, o sacerdote organizou uma solene procissão para reconduzir à matriz o Santíssimo Sacramento. No ano seguinte o Bispo de Utrecht, Dom Jan van Arkel, declarava a autenticidade do milagre, e dois anos mais tarde já se erguia uma igreja no lugar onde ele ocorrera.

A partir de então, realizava-se todos os anos, em meados de março, uma esplendorosa procissão para comemorar o acontecimento. Dela participaram personagens ilustres, como o Arquiduque Maximiliano d'Áustria, que mais tarde seria o Imperador Maximiliano I. Essa manifestação popular de louvor ao Santíssimo Sacramento foi proibida em 1578, quando a



Antiga gravura mostrando a Hóstia milagrosamente preservada em meio às chamas

administração da cidade caiu em poder de burgomestres calvinistas. Estes confiscaram a capela erguida no local do milagre, a qual acabou sendo demolida em 1908, apesar dos protestos dos católicos, que se ofereceram para comprá-la.

Durante o período de proibição do culto público, as celebrações da Santa Missa e outros atos católicos de devoção realizavam-se em casas particulares ou edifícios sem aparência externa de templo religioso — as *igrejas escondidas*, como passaram a ser chamadas no século XIX.

As Beguinhas

Bem próximo do local do milagre situava-se a capela da Beguinaria. Beguinhas eram mulheres que — sem fazer os clássicos votos da vida religiosa — viviam em comunidade, dedicadas à oração e assistência aos doentes, pobres, órfãos e toda espécie de necessitados. A regra lhes impunha apenas a obediência ao pároco e o celibato enquanto permanecessem na comunidade.

As Beguinhas também tiveram a sua capela confiscada. Por volta de 1665 elas pediram autorização à municipalidade para construir uma nova. A permissão lhes foi concedida com a condição de que o edifício tivesse as características de uma *igreja escondida*. É nessa capela, consagrada a São João Batista e a Santa Úrsula, que desde então se mantém a Adoração Eucarística diária, em recordação do milagre ocorrido em 1345.¹

A Procissão do Silêncio

Segundo relata o atual reitor da capela, padre Eugène van Heyst, SSS, um homem chamado Joseph Lousbergh descobriu em 1881 um documento datado de 1651 que descrevia detalhadamente as procissões medievais realizadas em comemoração desse milagre. Decidiu então, acompanhado por um amigo, percorrer o mesmo trajeto da antiga procissão,



Aldo Leone

Capela das Beguinhas, em Amsterdã, onde se mantém a Adoração Eucarística diária, em recordação do milagre ocorrido em 1345

como um ato de adoração a Jesus Sacramentado. Assim fizeram, mas em silêncio e sem qualquer manifestação externa de devoção, por causa das restrições ao culto católico, impostas pelas autoridades calvinistas.

Sua ideia foi acolhida com entusiasmo pelos católicos holandeses, e a cada ano aumentava o número dos fiéis que a ela aderiam. Formou-se assim a Confraria da Procissão do Silêncio. Todos os anos, desde então, no primeiro domingo depois de 12 de março, re-

aliza-se a silenciosa procissão no período entre meia-noite e quatro horas da manhã, horário no qual se presume ter ocorrido o milagre. Em nossos dias, por volta de 10 mil fiéis participam dela. E muitos veem nesse ato de piedade a continuação do Milagre Eucarístico de Amsterdã. ✧

¹ A Hóstia miraculosa não se conserva. Ela começou a se deteriorar dois anos depois de acontecido o milagre.



stille-omgang.nl

Cerca de 10 mil fiéis participam anualmente da Procissão do Silêncio em recordação do milagre eucarístico. Ao lado, cartaz convidando os fiéis a participarem do evento

NO BRASIL

ARAUTOS

Promovendo, de norte a sul, a devoção a Maria



Incansavelmente, a Cavalaria de Maria — comunidade itinerante dos Arautos do Evangelho — percorre o nosso País-continente realizando Missões Marianas a convite dos respectivos párocos.

De modo metódico, os membros dessa comunidade visitam as casas, escritórios e estabelecimentos comerciais da paróquia atendida, portando a imagem de Nossa Senhora. A todos levam uma palavra de fé, de alento e de esperança, mas fazem ao mesmo tempo um levantamento dos sacramentos que os fiéis precisam receber e os estimulam a participar efetivamente da vida paroquial, explicando-lhes inclusive a importância de contribuir com o dízimo. O interesse manifestado pelo bem espiritual de cada um, a muitos tem sido ocasião de verdadeiras conversões.

Esse meticuloso labor de afervoramento dos fiéis tem sido abençoado sobremaneira pela Divina Providência, e disso são testemunhas invariáveis os zelosos párocos que veem finalizar cada Missão Mariana com as igrejas lotadas como nunca. Assim o atestam as expressivas fotos estampadas nestas páginas.





Buri - SP



Ipatinga - MG



Itambé - PR



Astorga - PR



Itapeva - SP



Prata - MG



Ipatinga - MG



Quintana - SP



Maringá - PR



Calorosos cumprimentos aos novos Cardeais



Cardeal Robert Sarah



Cardeal Mauro Piacenza



Cardeal Paolo Sardi



Cardeal Gianfranco Ravasi



Cardeal Raymond Burke



Cardeal Angelo Amato, SDB

“*V*isita di calore” é o termo com o qual se designam as visitas feitas aos novos Cardeais, no dia seguinte da sua criação. Essa tradicional expressão bem descreve o afeto que os fiéis em geral, e os arautos em

particular, manifestaram aos 24 novos membros do Sacro Colégio ao cumprimentá-los pela sua nomeação. Nas fotos, Arautos do Evangelho de Roma com alguns dos novos Príncipes da Igreja.



Ruanda – Uma Missa solene marcou a entrega dos primeiros Oratórios a paroquianos da Catedral de Butare, no primeiro sábado de dezembro.



Itália – Arautos participam, em Mira, da tradicional procissão em honra à Madonna dei Cavalli, presidida por Mons. Valter Perini, representando o Patriarca de Veneza.



Espanha – Os fiéis de Villasequilla (Toledo) fazem procissão com a Imagem Peregrina para dar início a uma semana de Missão Mariana no povoado.



Espanha – No dia da sua festa, a padroeira da Paróquia Nossa Senhora das Graças foi conduzida em procissão pelos Arautos pelo centro histórico de Valência.



Estados Unidos – Na Paróquia São João Vianney, em Orlando, fiéis veneram a Imagem Peregrina durante um “Dia com Maria” dedicado à devoção ao Santo Rosário.



Holanda – Arautos participaram do evento organizado pelo episcopado holandês, na cidade de Den Bosch, com o objetivo de despertar nos jovens a vocação religiosa.



Brasil – Dom Irineu Roque Scherer, Bispo de Joinville (SC), no I Domingo do Advento, celebrou Missa e inaugurou o presépio montado na casa dos Arautos nessa cidade. Sempre paternal, Dom Irineu conversou com todos e concedeu uma breve entrevista para a TV RBS.



México – Diversas paróquias de bairros populares da Arquidiocese de Acapulco, entre as quais a de São José, em Tres Palos (fotos acima), receberam a visita da Imagem Peregrina. Após a Missa, arautos deram uma explicação sobre a mensagem de Fátima e a devoção do Rosário.



Peru – Os idosos do Asilo São Vicente de Paulo, no Cercado de Lima, acolheram com muito fervor a Imagem Peregrina do Imaculado Coração de Maria.

Nicarágua – O Núncio Apostólico, Dom Henryk Józef Nowacki, abençoa os participantes do encontro “Un día con María”, realizado no Colégio Teresiano, em Manágua.

Magistério pontifício e universidades católicas

O que distingue uma universidade católica das demais instituições de ensino? Qual o papel do Magistério pontifício, na Igreja e na sociedade civil? A moral cristã está em crise? O Arcebispo Jean-Louis Bruguès, OP, esclarece para nossos leitores estas e outras questões da atualidade.

Pe. Louis Goyard, EP

O Cardeal Zenon Grocholewski recordou recentemente a necessidade das universidades católicas conservarem sua própria identidade. Poderia expor-nos as dificuldades que elas enfrentam para manter suas características num mundo secularizado?

Com frequência, pergunto-me qual é atualmente o primeiro desafio, ou o desafio mais importante, lançado ao ensino católico, tanto superior, nas universidades, quanto nas demais escolas. E respondo: vivemos em sociedades pluralistas. Pluralistas do ponto de vista cultural e religioso, e quanto mais se manifesta esse pluralismo, mais cada um de nós se volta para sua identidade: “Quem sou eu no meio de todos os outros?”. A questão da identidade é, pois, mais premente, mais relevante hoje do que há vinte ou mesmo quarenta anos.

Portanto, nossas instituições têm diante de si uma escolha. Antes de tudo é necessário dizer que a maior parte delas goza de boa

reputação, por sua excelência em matéria de formação, de acompanhamento pessoal, de nível científico atingido. As escolas e universidades católicas são apreciadas, um pouco por toda parte, no mundo inteiro, e isso é um motivo de ufania para nossa Congregação. Se elas, entretanto, não visam senão a excelência, surge logo a pergunta: “O que diferencia uma escola ou universidade católica, de outras escolas?”.

Não se trata, portanto, de conservar a identidade, mas de reencontrá-la nesse novo contexto. No fundo, a identidade católica é essa mescla — magnífica, mas também difícil — entre a abertura para o universal e a confissão de uma Fé particular, que é a Fé Católica.

Segundo a Constituição apostólica *Ex Corde Ecclesiae*, as atitudes e os princípios católicos devem impregnar toda a vida das universidades católicas...

Isso varia muito de acordo com os países. Diria eu que há dois pon-

tos nos quais a identidade católica se manifesta com predileção.

O primeiro é o do ensino. Desejamos que todas as universidades católicas — nas quais ninguém é obrigado a matricular-se — deem de forma obrigatória a todos os seus alunos uma formação em antropologia cristã, em ética cristã e uma pequena iniciação à teologia. Não para forçá-los a se tornarem católicos — eles não se deixariam forçar —, mas para dizer-lhes: “Temos uma tradição, uma visão do mundo, da sociedade, da História, e a comunicamos a vocês. São livres de a aproveitarem como lhes parecer melhor”. Respeitamos, portanto, a liberdade de consciência.

Há um segundo ponto, o qual eu denominaria de “pastoral”: uma universidade católica é um local onde se deve poder rezar, deve-se poder celebrar o mistério cristão. Portanto, é preciso haver nela uma capela de acesso fácil e constante ao público que assinale o centro vital e simbólico ao mesmo tempo.

Eu acrescentaria que em toda universidade católica é necessário



A identidade católica de uma universidade está nessa mescla, magnífica, mas também difícil, entre a abertura para o universal e a confissão de uma Fé particular

encontrar uma faculdade de teologia. A iniciação à cultura cristã e à visão cristã do mundo e da sociedade compete de modo privilegiado à faculdade de teologia, que deveria proporcionar ensinamentos a todas as outras faculdades da universidade.

A Ex Corde Ecclesiae estimula uma íntima relação entre as atividades de uma universidade católica e a missão evangelizadora da Igreja. Não parece a V. Exa. haver ainda, sob este aspecto, um longo caminho a percorrer?

Mais uma vez, isso depende dos lugares. Não sei se devo mencionar nações, mas, afinal, há um ano e meio viajei ao Chile, visitei cinco universidades católicas e fiquei fascinado pela qualidade daquilo que eu via. Ou seja, instituições que, do ponto de vista da competência profissional, figuravam entre as melhores do país, a tal ponto que, quando se preparava uma reforma educacional, de bom grado os ministros se dirigiam a elas para solicitar sua opinião.

Eram também instituições nas quais a identidade cristã estava marcada de modo imediato e simples. Chegando de improviso a uma delas, num dia de semana, quis presidir a celebração da Missa, sem que os alunos tivessem sido avisados. Havia 800 deles na capela... Portanto, há lugares onde nossas universidades católicas atingiram efetivamente uma qualidade que eu chamaria de exemplar.

Nem todas chegaram a esse grau, mas, nos meus quase três anos de trabalho na Congregação, constato que há um movimento geral — mais ou menos rápido, mais ou menos profundo, conforme o lugar — rumo à reafirmação da identidade cristã nas sociedades tais como hoje elas evoluem.

Quais são, na opinião de V. Exa., as principais qualidades que deveriam ornar o professor universitário em nossos dias?

Veja, os docentes de uma universidade católica não são todos católicos. Então, devemos pedir-lhes que,

no mínimo, tenham boa vontade em face da tradição católica e, por exemplo, não a critiquem. Mas, com relação aos professores que se apresentam como católicos, somos sensíveis não somente ao que dizem, mas também ao que fazem. O professor católico precisa, pois, aliar a qualidade do ensinamento transmitido à qualidade de vida, ao testemunho de vida e à confissão de sua Fé pessoal.

O Processo de Bolonha tem exigido bastante atenção da Congregação para a Educação Católica nestes últimos anos. Em que consiste esse Processo?

O *Processo de Bolonha* começou há quase dez anos e chegamos ao fim da primeira etapa, da primeira década. Em sua origem se restringia aos países da Europa, em número de 27, mas ao longo dos anos outras nações se interessaram por ele, de modo que hoje são 47 os países envolvidos.

Seus objetivos são simples de enunciar (quanto a realizá-los, já é outro problema!): a padroniza-

ção dos diplomas, de tal forma que em todos os países participantes do *Processo de Bolonha* — sobretudo os que assinaram a Convenção de Lisboa — os mesmos diplomas correspondam ao mesmo nível de estudo, e os estudantes possam, caso desejem, passar de um estabelecimento para outro, de uma universidade para outra ou de um país para outro. A primeira preocupação é, portanto, a padronização dos diplomas, para chegar à segunda preocupação: a fluidez ou mobilidade, tanto dos estudantes quanto dos professores.

Pode-se dizer que, ao fim de dez anos, é notória a mobilidade dos estudantes, embora ela pudesse ser maior. A dos professores é mais problemática.

O que está em jogo aí para a Igreja? Quais as esperanças da Congregação a esse respeito?

A Igreja entrou nesse *Processo* não como Igreja, pois ele envolve apenas países, mas como Estado. Pois bem, o Estado da Santa Sé ingressou nele desde o início. Evidentemente, o proveito que esperamos tirar daí é, em primeiro lugar, que uma cultura da qualidade caracterize nossas universidades, como deve caracterizar as universidades dos países abrangidos. Só isso já representa uma vantagem e um estímulo para nós.

Esperamos também, evidentemente, que os estudantes formados em nossas universidades possam ter seus diplomas reconhecidos em outros países. Isto implica que o *Processo de Bolonha* seja concretizado por acordos de país a país. Por exemplo, a Santa Sé e a República Francesa assinaram em dezembro de 2008 um acordo de reconhecimento dos diplomas e dos títulos.

Há desafios especialmente notórios a destacar, para tornar efetivo esse plano?

Estamos criando uma consciência em nível europeu, antes de chegar a uma consciência universal. Os estudantes entram de bom grado nesse *Processo*, mas os Estados são mais reticentes. Por quê? Porque possuíam mais ou menos, até agora, um verdadeiro monopólio dos diplomas. Ora, entrar nesse *Processo* é alienar uma parte de sua soberania em matéria educativa, e isso, evidentemente, não é fácil em países que têm — digamos assim — tradições jacobinas.

E os dirigentes de universidades, como correspondem às oportunidades oferecidas pelo *Processo de Bolonha*? Como acolhem as novas perspectivas?

Nossas universidades caracterizam-se pela liberdade de pensamento e de expressão. Assim, perante o *Processo de Bolonha* encontramos nelas um leque extremamente amplo de reações, desde o entusiasmo até a reserva.

Julgo que hoje a situação está mudando. Com efeito, nossos estabelecimentos começam a perceber o interesse dessa padronização, dessa fluidez, pois, por exemplo, a teolo-

gia — que aparecia anteriormente, digamos, como uma ciência de sacristia — tornou-se hoje uma ciência de interesse geral, como a medicina ou a engenharia. Percebe-se, pois, o mérito desse *Processo*. Mas, podem-se medir também as dificuldades de aplicação. É preciso, por exemplo, que os créditos sejam os mesmos por toda parte, com o mesmo número de horas, e isso implica revisões talvez difíceis de fazer.

Considerando encíclicas como a *Humanae vitae*, de Paulo VI, e a *Veritatis splendor*, de João Paulo II, como V. Exa. descreveria o papel do Magistério na ética das últimas décadas?

Precisamos distinguir entre o papel do Magistério na Igreja e nas sociedades civis. O que se denomina doutrina social da Igreja é, na realidade, uma doutrina moral sobre a família, a vida econômica, política, social, e também a cultura. A *Veritatis splendor* traz uma novidade considerável, pois é uma encíclica na qual, pela primeira vez na história da Igreja, são tratados os fundamentos da moral.

O papel do Magistério no interior da Igreja — apoiando-se evidentemente na palavra de Deus, mas também na lei natural — é de propor ao Povo de Deus, bem como a todos

os homens de boa vontade, princípios gerais de conduta de vida, além de normas concretas e particulares. Este segundo aspecto é que havia dado matéria ao “dissentimento”, ao “*dissensus* dos teólogos”, nos anos 70–80, e a Encíclica procura precisamente dar resposta a esse *dissensus*.

Nas sociedades civis — amplamente secularizadas e amiúde multiculturais, pluralistas, do ponto de vista religioso —, eu diria que o Magistério é quase sistemática-



“Nossas universidades caracterizam-se pela liberdade de pensamento e de expressão. Assim, perante o ‘Processo de Bolonha’, encontramos um leque extremamente amplo de reações”

mente criticado e questionado. Uma sociedade secularizada é aquela que não consegue admitir Magistério algum, sobretudo se ele é de natureza religiosa, pretendendo exprimir princípios e normas em nome de uma referência superior ao século, fazendo — digamos — apelo a uma transcendência, quer seja religiosa, quer seja metafísica. Portanto, ela não criticará o Magistério apenas por afirmar tal ou qual proposição que não lhe agrada, mas por se pronunciar *como* Magistério. Isto é o aspecto crítico e inevitável. Evidentemente, os órgãos da mídia, muitos dos quais se consideram o novo magistério das sociedades secularizadas, serão os mais críticos em face de qualquer magistério, em especial o religioso.

Ao mesmo tempo, porém, constato ser a Igreja hoje muito mais interrogada do que no passado, como se ela permanecesse uma referência nas gerações que se questionam sobre o sentido da vida; talvez mesmo a referência, que se pronuncia a respeito das questões fundamentais do sentido da vida.

Que relações podemos encontrar entre o *Catecismo da Igreja Católica* e a *Veritatis splendor*, na via teológica e pastoral da Igreja?

Uma encíclica procura dar resposta a problemáticas limitadas. Limitadas no tempo e por vezes no espaço. É este o caso da *Veritatis splendor*, dirigida, sobretudo às opiniões correntes no meio católico anglo-saxónico. Portanto, uma encíclica — exceto se tiver uma importância de primeiro plano — não durará por



“Nas sociedades civis, amplamente secularizadas, eu diria que o Magistério é quase sistematicamente criticado e questionado”

vários séculos. Seu objetivo é de fato a atualidade.

O Catecismo é totalmente diferente: ele visa pôr à disposição do povo de Deus, e de todos os homens interessados na cultura cristã, o patrimônio moral acumulado ao longo dos séculos, e mesmo dos milênios, e que engloba também o patrimônio de sabedoria da humanidade. No fundo, o Catecismo é um *compendium* — é este o termo que tinha sido escolhido —, um *compendium* de sabedoria, não somente para os cristãos, mas também para os não cristãos. Um Catecismo deve durar muito tempo, como foi o caso do Catecismo anterior. Logo, se nele forem introduzidas noções muito atuais, em pouco tempo ele estará ultrapassado.

Como deveria ser abordado hoje o ensino da Teologia Moral, nos seminários e em nível pastoral?

Penso que estamos passando de um modelo para outro. Diz-se por vezes que a moral cristã está em crise. Não creio tratar-se de uma crise, pois a crise assinala um paroxismo após o qual as coisas se restabelecem. Ora, o que aqui se denomina “crise” é na realidade um fenômeno já muito longo, de vários decênios... Prefiro falar de ruptura.

No fim do século XVI e início do século XVII instalou-se — primeiro na Igreja, depois nas outras confissões cristãs, mas também mais tarde, com Kant, nas sociedades — um modelo, denominado o modelo das morais de obrigação: “Por que proceder de tal ou tal maneira?”. “Porque isso é necessário em nome do Bem”. Parece-me que esse modelo — o qual, repito, reinou tanto na Igreja quanto nas sociedades modernas — está desaparecendo, e andamos à procura de um novo. Se eu retomasse expressões de Michel Foucault, diria que estamos passando de uma ética do código para uma ética da construção de si. No fundo, a moral é aquilo que permite ao homem aceitar-se a si mesmo, construir-se, depois dar-se, numa sociedade mais justa e fraterna. E creio que vivemos um período difícil e apaixonante ao mesmo tempo, pois mudamos de modelo e, evidentemente, é preciso tempo e tato para apreender esse novo modelo.

Portanto, eu desejaria que nos seminários se apresentasse a moral não apenas sob o ângulo das obrigações, mas também sob o da arte de viver, de uma estética da existência, digamos, de uma sabedoria. ✧

Dom Jean-Louis Bruguès nasceu em 1943 e ingressou na Ordem dos Pregadores em 1968. É mestre em Ciências Econômicas e em Ciências Políticas, doutor em Teologia e professor de Teologia Moral Fundamental. Foi membro da Comissão Teológica Internacional, cuja função é ajudar a Santa

Sé a examinar questões doutrinárias de grande relevância. Designado Bispo de Angers, França, recebeu a ordenação episcopal em 2000. O Papa Bento XVI o nomeou Secretário da Congregação para a Educação Católica e conferiu-lhe a dignidade arquiépiscopal em 2007.

Propulsor do apostolado leigo

Prenunciando os rumos tomados pela Igreja no século XX, uma intuição profética levou São Vicente Pallotti a valorizar o apostolado dos leigos e conjugá-lo harmonicamente com os esforços missionários do clero.



Irmã Carmela Werner Ferreira, EP

Roma parece estar catalogada no restrito número das cidades que não têm nada de novo a conhecer. Tudo quanto a imaginação possa conceber em matéria de fastígio, esplendor, tragédia, perigo ou transformação social, de alguma maneira já se passou dentro ou nos arredores de suas muralhas. Entretanto, Deus, que muito a ama, sempre encontra novas fórmulas para revelar na Cidade Eterna fulgores desconhecidos numa ordem superior e gloriosa: a santidade de seus filhos.

Afirmou alguém com acerto que o Catolicismo deitou raízes na França pelo mérito de seus Bispos, e na Inglaterra pela evangelização de seus monges. Certamente, diríamos nós, na Urbe isso se deve à ação dos santos. Num encadeamento ininterrupto, contribuíram eles para fazer de Roma, além da cidade dos mártires, também a dos bem-aventurados, pois a Sé de Pedro deveria estar amparada pelo sacrifício dos primeiros e a virtude dos segundos.

Pode-se escolher a esmo qualquer quadra histórica de nossa Era

Cristã, e nela encontraremos mais de um santo percorrendo as ruas romanas, operando prodígios e dando mostras de consumada virtude.

Hoje, quando tanto se fala da necessidade de um clero cada vez mais devoto e missionário, fixemos por alguns instantes a atenção na figura de São Vicente Pallotti, cujo labor apostólico se desenvolveu de ponta a ponta no coração da Cristandade.

Menino deslumbrado com o grande Deus

O bairro popular de San Lorenzo in Damaso fervilhava de vitalidade naqueles últimos anos do século XVIII.

No lar de Pedro Paulo Pallotti, onde o êxito no comércio propiciava uma vida digna e estável, dez *bambini* encheram de alegria o convívio familiar. Vicente foi o terceiro, vindo ao mundo a 21 de abril de 1795. Alguns irmãozinhos morreram logo nos primeiros meses de vida, mas os sobreviventes puderam receber dele a benéfica influência emanada de uma criança exemplar.

Deslumbrado pelos ensinamentos maternos a respeito do grande Deus imolado na Cruz, Vicente corria todos os dias para fazer-Lhe companhia na igreja paroquial. Brincava como os outros meninos, mas o fundo de sua alma permanecia absorto pelos ensinamentos do bondoso Jesus; em suas infantis cogitações, nada importava tanto quanto dar-Lhe alegria.

Sua mãe, Maria Madalena, percebeu que as qualidades morais do filho não encontravam paralelo no campo da inteligência, pois esta se revelava bem discreta. Então chamou o pequeno para, juntos, fazerem uma novena ao Divino Espírito Santo, implorando aptidão para o estudo. Depois disso, para surpresa de todos, o intelecto do menino se abriu e, reforçado por prodigiosa memória, lhe proporcionou abundantes recursos para o exercício de suas futuras atividades apostólicas.

Perspectiva decisiva para sua espiritualidade

Bastava conviver um pouco com Vicente para discernir nele os sinais

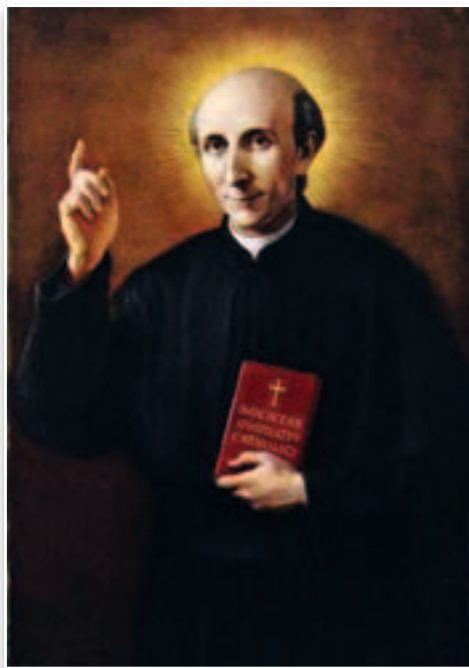
do chamado sacerdotal. Amigo da mortificação, da prece e do apostolado, revelava-se insensível às promessas e gozos mundanos, mas seus olhos brilhavam de encanto simplesmente ao ouvir pronunciar o nome de Jesus.

Assim, encontramos-lo aos 15 anos estudando no Colégio Romano e mais tarde na Universidade de Roma. Poderíamos ressaltar o êxito de seu aproveitamento acadêmico, mas sem atingir o cerne desta fase de sua vida. Os estudos de filosofia e teologia, mais do que fazer dele um homem douto, colocaram-no diante de uma perspectiva decisiva para sua espiritualidade, abrindo-lhe os horizontes para o aspecto da Divindade pelo qual se fascinou: a infinitude do Criador.

As noções clássicas de ser absoluto e ser contingente, a limitação essencial das criaturas e a existência de um Ser infinito, no qual todos os outros têm sua origem, impressionaram o estudante que, inegavelmente, recebeu uma graça para penetrar de alguma maneira em tal mistério. “Esse jovem — escreve um biógrafo — era consumido pela chama de uma profundíssima compreensão da glória, da majestade e infinidade de Deus e do dever que todos os homens têm de glorificá-Lo. [...] Quem ler seus escritos ficará profundamente impressionado pelo ardor com que Vicente Pallotti abraçou este ideal”.¹

A partir desse período, definiu-se o norte de sua existência: glorificar a Deus em seus infinitos atributos, contando com o auxílio da graça para suprir a limitação da natureza humana.

Mas Vicente sabia que a virtude teologal da caridade possui um indissociável desdobramento, sem o qual pode-se duvidar da sua autenticidade: o amor ao próximo. Pou-



“Não te julgues incapaz de alcançar menos que os maiores santos!”

“São Vicente Pallotti”, por Alfovino Missori

co antes de se tornar padre, escreveu: “Ao saber [...] que existem muitas almas que, bem dirigidas, poderiam fazer coisas grandíssimas no caminho do Senhor; muitos ignorantes que, bem instruídos, seriam grandes santos [...]; e sabendo ainda que existe uma multidão que sofre grandes enfermidades do espírito, motivar-me-ei para um grande desejo de instruir, iluminar, preparar, santificar, aperfeiçoar e converter todas essas almas, se fosse possível com perfeição infinita de minha parte e da parte delas, com glória infinitamente grande de Deus”.²

Empenhado em levar adiante esses propósitos, recebeu a ordenação sacerdotal em 16 de maio de 1818, como membro do clero secular. A fecundidade do seu ministério, fruto da seriedade e entrega com que o santo abraçou sua vocação, mostra que todos estes anseios acabaram por realizar-se. Bem unido a Nossa Senhora, a “quase infinita”, ele lan-

çou-se com ânimo valoroso nas obras pastorais.

Docente e diretor espiritual

Os dez primeiros anos de vida presbiteral do padre Vicente foram marcados pela docência. Era por demais instruído para que os superiores não desejassem vê-lo ocupando alguma cátedra. Mas entre os seus notáveis conhecimentos de grego e a sede de almas que o abrasava, prevaleceu esta última. Ao cabo desse período, estará ele entregue por completo ao apostolado, com a vantagem de poder atuar inclusive nos meios estudantis.

A direção espiritual ocupou sempre um importante papel na vida de nosso santo. Sabia exercê-la de modo tão excelente, a ponto de ser nomeado diretor espiritual do Seminário Romano em 1827, e da *Propaganda Fide* em 1835. Revelou-se, nesse cargo, a personificação do Bom Pastor, dando mostras de uma paciência inesgotável e uma caridade inextinguível. Fazia questão de estar ao alcance de seus dirigidos, sem jamais manifestar o menor incômodo quando lhe tomavam muito tempo. Estes não demoraram em atestar o *renouveau* espiritual propiciado pelos encontros com o padre Vicente, e a concluírem que ele era algo mais que um bom sacerdote. Percebiam quanto Deus o amava e se comunicava com ele.

De fato, embora uma humildade a toda prova o levasse a dissimular sua vida mística, a luz não podia permanecer debaixo do alqueire. O acerto dos conselhos e a sua penetração nas almas denotavam um raro comércio com o sobrenatural. Certa tarde, por exemplo, aconselhou um jovem a confessar-se logo, mas este alegou preferir fazê-lo outro dia. O padre Vicente insistiu

e conseguiu que ele se reconciliasse com Deus pouco antes de falecer, contra toda expectativa, naquela madrugada.

Carisma de profecia e discernimento

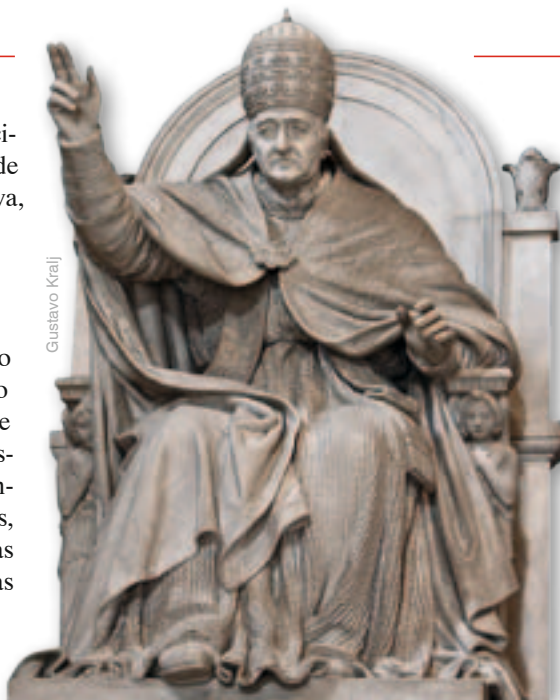
Sabe-se, com efeito, que São Vicente Pallotti foi favorecido com os carismas de profecia e discernimento dos espíritos. Essas insignes graças permitem interpretar os acontecimentos, predizer o futuro e penetrar nas consciências, em benefício das almas dos por ele orientados.

Em diversas circunstâncias o padre Vicente transmitia aos fiéis a sorte que os aguardava. A seu irmão de sangue, Salvatore Pallotti, disse certa vez: “Deus lhe deu mais três anos de vida”,³ previsão que se cumpriu à risca, pois após o mencionado prazo ele de fato faleceu. E o santo, nesta ocasião, consolou os parentes comentando: “A Bem-Aventurada Virgem Maria, em cuja honra Salvatore por muitos anos jejuou a pão e água todos os sábados, não se esqueceu dele”.⁴

Quando confortava os enfermos, fazia-o ora nos termos: “Devemos nos resignar à vontade de Deus”, e nestes casos a morte era certa, ora em outros: “Tenha fé em Nossa Senhora”, significando que a recuperação era segura. E nunca seu conselho falhou!

Fatos semelhantes a estes pululam em seu processo de canonização, e as testemunhas são unânimes em salientar o acerto dos conselhos, o “inexplicável” das previsões e a despreensão com que transmitia os segredos mais recônditos que, por vezes, os penitentes procuravam lhe ocultar.

De outro lado, as asas de um anjo pareciam protegê-lo a cada minuto, pois ele andava na chuva sem molhar-se e certa vez foi baleado por



Gustavo Krallj

Apesar de todas as dificuldades, a Sociedade do Apostolado Católico foi aprovada por Gregório XVI, em 1835

Gergório XVI - Basílica de São Pedro, Roma

um sequaz de Garibaldi, mas o tiro não lhe causou dano. Essas notícias corriam de boca em boca, e quando ele passava pela rua, as pessoas diziam baixinho: “Este é o santo!”.

Zelo e dedicação sem limites

“Vicente tinha um elevado conceito do dever especial que incumbe ao clero de Roma”,⁵ para o qual sempre se voltaram os olhares do mundo inteiro, e desejava que ele fosse perfeito, digno ornato da diocese do Sumo Pontífice. Nesse intuito, começava por dar o exemplo de um zelo e dedicação sem limites: punha em marcha grande número de confrarias; entusiasmava as almas generosas e as colocava a serviço de Deus e do próximo; condoia-se dos necessitados e não poupava esforços para atendê-los, arranjando donativos e empregando com sabedoria as somas obtidas. Onde ele punha suas mãos unidas, tudo florescia e se operava um revigoramento espiritual.

Nunca foi possível contar o número de moribundos por ele assis-

tidos, mas sabe-se que um deles foi São Gaspar del Búfalo, em cujo processo de canonização deu importante testemunho. Reduzia suas horas de sono, para fazer caber em seu dia tantas obras de caridade. Rejeitou categoricamente todas as promoções que lhe foram oferecidas, temendo perder, por causa das honrarias, alguma oportunidade de salvar almas, para o que bastava-lhe o múnus sacerdotal.

A Sociedade do Apostolado Católico

Um providencial acontecimento, na aparência corriqueiro, veio mudar os rumos da vida de São Vicente Pallotti. Com efeito, uma das mais belas lições que os santos nos

dão é a sua extremada sensibilidade à vontade de Deus. Eles não têm outra lei e, pode-se dizer, possuem “ouvidos muito afinados” para discernir as moções do Espírito Santo nos dias em que vivem.

Certo dia, um missionário enviou-lhe um pedido: queria que o padre Vicente promovesse a edição em língua árabe da obra *Máximas eternas*, de Santo Afonso de Ligório, para auxiliar a evangelização no Oriente. O santo sempre devotou especial interesse pelas missões, mas estava sem meios financeiros de atendê-lo. Solicitou, então, a alguns leigos que batessem de porta em porta e, “em nome de Jesus crucificado”, pedissem donativo para esse fim. O resultado foi surpreendente, ultrapassando de muito as expectativas. Pelo empenho desses homens e mulheres, realizou-se com pleno êxito a difícil empresa.

Vicente Pallotti meditou muito sobre o acontecido e vislumbrou nos leigos um potencial pouco explorado para realizar grandes feitos evan-

gelizadores. Passou a desenvolver um apostolado mais específico entre eles e as constatações não deixavam margem a dúvidas: cabe aos leigos um importante papel nas obras da Igreja de Deus.

Essa intuição — qualificada como profética por Pio XI, João XXIII e Paulo VI — levou o santo a fundar, em 14 de abril de 1835, a Sociedade do Apostolado Católico, e a ela dedicar integralmente seus 15 últimos anos de vida. Os rumos tomados pela Igreja no século XX e os documentos do Concílio Vaticano II, especialmente o decreto *Apostolicam Actuositatem*, seriam a melhor confirmação desse conceito, sem dúvida prenunciador do que Deus pede dos batizados nos dias atuais.

A Sociedade, como a idealizou Pallotti, procura unir os esforços do clero e dos leigos, harmonizando-os em atividades conjuntas. Aos sacerdotes cabe a direção e assistência sacramental do grupo, enquanto os leigos lideram múltiplas atividades de apostolado. Muito haveria a dizer sobre os sofrimentos sem conta que se abateram sobre o padre Vicente na luta pela solidificação e reconhecimento da Sociedade, pois o fundador sempre paga com o alto preço do holocausto o êxito da sua fundação. Esta obra era querida pelo Senhor e sua Mãe e, portanto, ninguém poderia impedi-la. Apesar das perseguições, antipatias e escassez de recursos, ela prosperou.

O Papa Gregório XVI escreveu de punho e letra, em 1835, esta bela aprovação: “Sua Santidade concede mil bênçãos à Sociedade do Apostolado Católico e a todas as obras de zelo e de piedade que a Sociedade

empreender”.⁶ E hoje, herdeiros dos planos missionários de um varão de grandes desejos, os filhos espirituais de São Vicente Pallotti realizam por todo o mundo as mais diversas atividades evangelizadoras.

Partindo rumo à Pátria eterna

Sua morte, aos 54 anos, foi considerada por muitos como prematura, mas São Vicente não pensava dessa forma: “Que Deus me dê a longevidade que Ele quiser e como quiser”.⁷ Recebeu a derradeira enfermidade — sofria dos pulmões — como uma dádiva, e preparou-se com serenidade para romper o último véu que o separava da posse definitiva do Senhor: o corpo. Na noite de 22 de janeiro de 1850, rodeado pelos padres da Sociedade do Apostolado Católico, exalou o último suspiro e partiu para gozar, pelos séculos eternos, da visão do Deus infinito tão amado por ele.

Em nossa época, quando até o Ocidente cristão assume as características de uma grande zona de mis-

são, o ímpeto evangelizador de São Vicente Pallotti nos repete este conselho: “Não te julgues incapaz de alcançar menos que os maiores santos! Com a graça de Deus, atingirás metas ainda mais altas. Trabalhe-mos, trabalhe-mos incansavelmente na propagação da Fé e em suscitar o amor pela infinita glória de Deus”.⁸ ✧

¹ GAYNOR, SAC, Juan Santos. *São Vicente Pallotti*. Santa Maria: Pallotti, 1981, p.24.

² Idem, p.31.

³ PISTELLA, SAC, Domenic. *Saint Vincent Pallotti – The Patron of Lay Apostolate*. New York: Knights of St. John, 1963, p.63.

⁴ Idem.

⁵ GAYNOR, Op. cit., p.53.

⁶ Idem, p.61.

⁷ Idem, p.80.

⁸ SALES, Andrés de. In: *Año Cristiano*. Madrid: BAC, 2002, v.I, p.440-441.



Os restos mortais de São Vicente Pallotti se veneram no altar-mor da Igreja de San Salvatore in Onda, em Roma. Acima, sua máscara mortuária



Centro Televisivo do Vaticano recebe equipamento de alta definição

Novas tecnologias a serviço das comunicações da Santa Sé foi o tema da entrevista coletiva para apresentação do novo equipamento de filmagens fora de estúdio (*Outside Broadcasting*), em alta definição, a ser utilizado doravante pelo Centro Televisivo Vaticano (CTV).

A aquisição dessa aparelhagem “representa certamente a maior inversão do CTV nos últimos anos, quicá em toda a sua história”, explicou seu Diretor Geral, Pe. Federico Lombardi, mas tornava-se cada vez mais necessária.

A transmissão em direto das grandes celebrações na Praça de São Pedro e de outros eventos que contam com a presença do Santo Padre ampliou-se muito nos últimos tempos, acrescentou o Pe. Lombardi. Hoje são cerca de 200 por ano. Daí a necessidade de um equipamento adequado do ponto de vista técnico, sem o qual ficaria prejudicada a qualidade das imagens e, em consequência, a mensagem do Papa.

Brasil: Aumenta confiança na Igreja Católica

De acordo com resultado de pesquisa divulgado em 18 de novembro, a Igreja Católica passou do 7º para o 2º lugar na relação das instituições mais confiáveis no Brasil. Em primeiro lugar estão as Forças Armadas, e em último, os partidos políticos. A pesquisa, promovida pela Es-

cola de Direito da Fundação Getúlio Vargas (FGV), abrangeu o terceiro trimestre de 2010.

Santa Sé disponibiliza novo site

O Vaticano criou um novo site na internet para servir de “ponto de conexão entre vários centros de produção de notícias da Santa Sé, os quais ficarão reunidos num único meio”, informou em 16 de novembro Dom Cláudio Maria Celli, Presidente do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais.

Embora mantendo a independência de cada um de seus órgãos informativos, o novo site reunirá diversas fontes de notícias da Santa Sé, como a Sala de Imprensa, o *Centro Televisivo Vaticano*, o jornal *L'Osservatore Romano*, a Rádio Vaticano, a agência *Fides* e a Congregação da *Propaganda Fide*.



Gustavo Kraijl

Porta-voz do vaticano comemorou 50 anos de vida religiosa

O Pe. Federico Lombardi — sacerdote jesuíta, Diretor Geral da Rádio Vaticano, do Centro Televisivo Vaticano e da Sala de Imprensa da Santa Sé — comemorou em 12 de novembro os seus 50 anos de vida religiosa.

Nascido na cidade italiana de Saluzzo em 1942, ingressou na Companhia de Jesus em 1960. Após a ordenação sacerdotal, os superiores o

transferiram para Roma, onde prestou serviços durante onze anos na revista cultural da Companhia, *La Civiltà Cattolica*. Em seguida, exerceu o cargo de Superior Provincial na Itália. Terminado seu mandato de seis anos, foi nomeado Diretor dos Programas da Rádio Vaticano, e atualmente dirige todo o serviço informativo da Santa Sé.

“Posso dizer com grande tranquilidade que jamais fiz aquilo que eu queria, mas sempre o que me foi indicado pelos meus superiores” — afirmou em entrevista à Rádio Vaticano.

Agostinianos Recoletos elegem novo Prior Geral

O Capítulo Geral da Ordem dos Agostinianos Recoletos elegeu em 10 de novembro seu novo Prior Geral, Frei Miguel Miró Miró, espanhol de 61 anos, nascido em Tarragona.

Frei Miró ingressou na Ordem em 1975 e recebeu a ordenação sacerdotal três anos depois. Licenciou-se em Teologia Espiritual na Universidade Gregoriana de Roma, dedicando quase toda sua vida a tarefas de formação e governo. Foi por dois mandatos sucessivos Superior da Província de San Nicolás de Tolentino. Desde 2004 desempenha o cargo de Vigário Geral.

O novo Prior Geral dirigirá nos próximos seis anos os 1.163 agostinianos recoletos que vivem em 195 comunidades espalhadas por dezenove países. Contam eles com vinte Bispos e administram nove territórios de missão. Atendem 184 paróquias e mantêm 51 centros educativos com mais de 75 mil alunos no total.

150 milhões de telespectadores na visita do Papa à Espanha

Mais de 150 milhões de pessoas acompanharam pela televisão e pela internet os vários atos da visita do Papa Bento XVI à Espanha, nos dias 6 e 7 de novembro, de acordo

“Luz do mundo”, um livro para ler e meditar

“Espero que este livro seja útil para a fé de muitas pessoas”, declarou o Papa Bento XVI na audiência durante a qual lhe foram apresentadas as diversas edições da obra de Peter Seewald, *Luz do mundo – O Papa, a Igreja e os sinais dos tempos*.

“É um livro para ler e meditar, a fim de compreender como a Igreja anuncia ao mundo a Boa Nova que oferece alegria e serenidade” — afirmou Dom Rino Fisichella, Presidente do Pontifício Conselho para Promoção da Nova Evangelização, em entrevista coletiva, realizada em 23 de novembro, na Sala de Imprensa da Santa Sé.

Nesse livro-entrevista, o Pontífice responde a numerosas questões sobre as principais questões teológicas, acontecimentos políticos e assuntos candentes submetidos a debate público. “Todos os temas envolvendo uma posição a definir e um impacto cultural” são nele abordados “com simplicidade e profundidade”, sem esquivar-se de nenhuma pergunta — esclareceu Dom Fisichella.

Em algumas das respostas, o Pontífice exemplifica com seu testemunho pessoal: “Toda a minha vida foi atravessada por este fio condutor: o Cristianismo dá alegria, alarga os horizontes”. E mais adiante: “No que diz respeito ao Papa, também ele é um pobre mendigo perante Deus, mais ainda que os outros homens. Naturalmente, rezo antes de tudo ao Senhor. Mas invoco também os Santos”.

Bento XVI respondeu mesmo às perguntas que poderiam ser consideradas “embaraçosas”. Assim, não hesitou em tratar das dificuldades pelas quais passa atualmente a Igreja ou da ordenação sacerdotal de mulheres. E quando Seewald lhe perguntou se o Cristianismo, após dois mil anos de existência, não

L. Osservatore Romano



Bento XVI em sua biblioteca privada, com Dom Rino Fisichella e o jornalista Peter Seewald após receber os primeiros exemplares do livro

estaria exaurido, como aconteceu a outras grandes culturas na História, respondeu:

“Poder-se-ia pensar isso, olhando com superficialidade e restringindo o horizonte ao mundo ocidental. Mas, quem observa com mais atenção [...], vê que o Cristianismo está neste momento desenvolvendo uma criatividade totalmente nova. No Brasil, por exemplo, registra-se de um lado forte aumento das seitas — amiúde muito equívocas, porque prometem substancialmente riqueza e sucesso exterior —, mas do outro assiste-se também a grandes renascimentos católicos, a um dinâmico florescer de novos movimentos como, por exemplo, os ‘Arautos do Evangelho’, jovens cheios de entusiasmo, por terem reconhecido em Cristo o Filho de Deus, e do desejo de anunciá-Lo ao mundo. Disse-me o Arcebispo de São Paulo que nessa cidade há um contínuo germinar de novos movimentos católicos. Há, portanto, uma força de mudança e de nova vida”.

com estimativas feitas pela Conferência Episcopal Espanhola.

Somente na rede pública espanhola de televisão (TVE), mais de 12 milhões de telespectadores assistiram as cenas da estada do Papa em Santiago de Compostela e Barcelona.

As duas redes locais encarregadas de produzir as imagens oficiais da visita — *TV Galícia* e *TV Cata-*

lunha — empregaram para essa cobertura recursos técnicos e humanos extraordinários. Mais de cem câmaras, somando as fixas e as que percorriam as ruas em unidades móveis, e até mesmo em helicóptero, foram usadas para a captação das imagens, retransmitidas para mais de mil cadeias de televisão do mundo todo.

Cáritas Haiti em ação depois do furacão Thomas

A Cáritas Haiti pôs em prática um plano de emergência para distribuição de gêneros básicos de saúde, alimentos, roupas, produtos higiênicos e água potável às mais de 20 mil vítimas do furacão Thomas, que atingiu o oeste desse país no dia 5 de novembro, destruindo quase mil ca-

sas e deixando milhares de famílias desabrigadas.

Este novo desastre natural agravou a já complicada situação sanitária desse povo, o qual sofre ainda as consequências do terremoto que matou pelo menos 250 mil pessoas em janeiro de 2010, e encontra-se às voltas com a terrível epidemia de cólera. Aumentam, por conseguinte, os encargos das instituições católicas de assistência, como a Cáritas.

Santuário de Aparecida: 245 mil romeiros num só dia

O Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida registrou no domingo, 14 de novembro, recorde de visitantes num só dia: 245.023 romeiros; 14 mil a mais do recorde anterior, de 20 de outubro de 2002.

Para o reitor do Santuário, Pe. Darci Nicioli, o fato mostra como

os católicos amam Nossa Senhora Aparecida. “Nesta Casa bate o coração católico do Brasil. O coração cristão aqui pulsa” — enfatizou.

No total, durante a semana de 8 a 14 de novembro, 366.785 pessoas passaram pelo Santuário Nacional: 34.896 de segunda a sexta-feira, 86.866 no sábado e 245.023 no domingo.

Não são números estimados. “São números reais, aferidos com metodologia para oferecer boa acolhida aos milhões de romeiros”, esclareceu o Pe. Darci. As cifras registradas há mais de 30 anos anunciam um crescimento constante. “Neste ano de 2010 devemos ultrapassar 10 milhões de visitantes” — acrescentou.

Quando se esgotou a capacidade do Santuário, os milhares de ônibus e carros foram estacionando nos arredores da Basílica, nos bairros vizinhos e até nas cidades próximas. “Estávamos registrando todos os

momentos da chegada dos romeiros. Víamos famílias inteiras caminhando grandes trechos para visitar a Casa da Mãe Aparecida”, afirmou a gerente de Comunicação Institucional do Santuário, Flávia Gabriela.

Dom Fisichella: sem o Cristianismo, a Europa não será realmente unida

É na união em torno da Fé cristã que os povos europeus encontraram a coexistência e o progresso, advertiu Dom Rino Fisichella, Presidente do Pontifício Conselho para Promoção da Nova Evangelização, em discurso pronunciado durante a *Noite de debates* promovida em 24 de novembro, em Bruxelas, pela Comissão dos Episcopados da Comunidade Europeia (COMECE).

“O Cristianismo é nosso denominador comum. Por isso, não devemos fazer ilusão quanto ao nos-

Apresentada a exortação Apostólica pós-sinodal “*Verbum Domini*”

Em entrevista coletiva na Sala de Imprensa da Santa Sé, foi apresentada no dia 11 de novembro a Exortação Apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, na qual o Papa Bento XVI sintetiza as reflexões e as propostas do Sínodo dos Bispos realizado em outubro de 2008 sob o lema *A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*.

Dividido numa introdução e três partes — *Verbum Dei*, *Verbum in Ecclesia* e *Verbum Mundo* —, o documento foi publicado em oito línguas — latim, alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, polonês e português — e forma, em seu conjunto, um apelo apaixonado do Papa aos Pastores, aos membros da Vida Consagrada e aos leigos, a terem uma familiaridade cada vez maior com a Sagrada Escritura.

Ela é, explica o Pontífice na primeira parte, “Palavra de Deus atestada e divinamente inspirada”. Por isso veneram-se extremamente na Igreja os Livros Sagrados, apesar de o Cristianismo não ser uma “re-

ligião do livro”, mas sim a religião do Verbo de Deus Encarnado. Em consequência, conclui o Papa, “a Sagrada Escritura deve ser proclamada, escutada, lida, acolhida e vivida como Palavra de Deus, no sulco da Tradição Apostólica da qual é inseparável”.

Na terceira parte do documento, o Vigário de Cristo acentua que Bispos, sacerdotes, diáconos e religiosos têm uma vocação especial, mas também os leigos “são chamados a exercer a sua missão profética, que deriva diretamente do Batismo, e testemunhar o Evangelho na vida diária, onde quer que se encontrem”.

Intervieram na entrevista coletiva o Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos, Dom Gianfranco Ravasi, Presidente do Pontifício Conselho para a Cultura, Dom Nikola Eterović, e Dom Fortunato Frezza, respectivamente Secretário Geral e Subsecretário do Sínodo dos Bispos.

Adoração Eucarística Noturna comemora bicentenário

Membros da Federação Mundial das Obras Eucarísticas da Igreja provenientes de Espanha, Estados Unidos, México, Peru, Colômbia, Equador, Guiné Equatorial e outros países reuniram-se em Roma, de 17 a 20 de novembro, para comemorar o bicentenário do início da Adoração Noturna no mundo.

Participaram eles, entre outros atos, das quatro Missas, seguidas de Adoração Eucarística, celebradas nas basílicas de Santa Maria Maior, Santa Maria in Via Lata, Santa Anastásia e São Joaquim pelos Cardeais Bernard Law, Stanisław Ryłko e Antonio Cañizares, bem como pelo Arcebispo Piero Marini, Presidente do Pontifício Comitê para os Congressos Eucarísticos Internacionais.

Os participantes do Congresso acompanharam também com vivo interesse as conferências pronunciadas por Mons. Juan Miguel Ferrer, Mons. Francisco Javier Froján, Pe. Alberto Pacini y do Prof. Guzmán Carriquiry.

Na Missa de encerramento, o Cardeal Antonio Cañizares Llovera, Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, salientou em sua homilia que adorar a Deus “é, de alguma maneira, entregar-se a Ele, reconhecer que somos d’Ele, deixar que Ele viva em nós e seja nosso Dono e Senhor”.

Durante a Audiência Geral do dia 17 de novembro, o Papa Bento XVI recebeu os cumprimentos do presidente da FMOI, Eduardo Moreno, e dirigiu algumas palavras, em espanhol, aos participantes do evento. Em mensagem enviada através do Secretário de Estado, Cardeal Tarcisio Bertone, o Santo Padre convidou-os também a obter na Adoração a Jesus Sacramentado “força suficiente para anunciar sua mensagem de salvação a todos os homens, praticando as obras de misericórdia, sendo semeadores de justiça e de paz, e artífices de uma sociedade mais fraterna e solidária”.

José Manuel Jiménez



Aspectos da Vigília Eucarística em São Joaquim in Prati, presidida pelo Cardeal Antonio Cañizares Llovera

so porvir: a Europa jamais será realmente unida se ela romper com seu passado”, acrescentou. Para progredir rumo ao porvir, ela precisa sair dessa espécie de “neutralidade colorida de um anticristianismo cada vez mais presente, nos últimos anos, em diferentes setores da sociedade”. Caso contrário,

a Europa “não poderá senão avançar rumo à decadência” — afirmou o Prelado.

Papa nomeia três Bispos Auxiliares para Rio de Janeiro

O Papa Bento XVI nomeou três novos Bispos Auxiliares para a Arquidiocese do Rio de Janeiro: Mons.

Pedro Cunha Cruz, Mons. Nelson Francelino Ferreira e Mons. Paulo César Costa. “Já prevemos para o dia de São Sebastião, 20 de janeiro de 2011, o juramento de fidelidade e a profissão de Fé; e para 5 de fevereiro, a ordenação episcopal” — informou o Arcebispo Dom Orani Tempesta.

Mons. Pedro Cunha Cruz, 46 anos, pároco no Rio de Janeiro, é mestre em Teologia, doutor em Filosofia e diretor da Faculdade Eclesiástica de Filosofia João Paulo II. Mons. Paulo César Costa, 43 anos, doutor em Teologia, é reitor do Seminário Maior Diocesano Paulo VI e diretor do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. E Mons. Nelson Francelino Ferreira, 45 anos, doutor em Teologia, é professor na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.



Gustavo Krahl

Papa agradece ao Cardeal Cláudio Hummes

“No momento em que Vossa Eminência deixa o ofício de Prefeito da Congregação para o Clero desejo vos exprimir a mais viva gratidão pelo amor e a solicitude com que cumpristes esse delicado e exigente cargo”. Com essas calorosas palavras inicia o Santo Padre a afetuosa carta enviada ao Cardeal Cláudio Hummes após aceitar seu pedido de renúncia como Prefeito desse Dicasterio, por razões de idade. Datada de 7 de outubro, a missiva foi divulgada pela CNBB em 23 de novembro.

Logo a seguir, o Papa lembra os muitos anos de ministério sacerdotal e episcopal de Dom Cláudio, agradece ao Senhor “pelo bem realizado no longo e fiel serviço à Igreja”

ja” e convida-o a encher o ânimo de alegria e paz, pela “consciência de haver dedicado incansavelmente, com alegria e competência, toda vossa energia pela causa do Reino de Deus”.

Bento XVI não oculta, por fim, sua complacência por poder ainda valer-se da qualificada experiência do Cardeal, como membro do Sacro Colégio, “em um campo que me está muito a peito”.

Dom Cláudio Hummes, religioso franciscano, nasceu em 1934. Foi Bispo de Santo André (SP), Arcebispo de Fortaleza (CE) e Arcebispo de São Paulo, onde se destacou especialmente pelo seu papel harmonizador. Assumiu em 2006 o cargo de Prefeito da Congregação para o Clero, ao qual renunciou ao atingir o limite de idade.

Universidade alemã cria cátedra de Assistência Espiritual

Spiritual Care (Assistência Espiritual) passou a ser matéria obrigatória na Universidade de Munique, Alemanha, com o objetivo de ajudar os médicos a prestar uma melhor assistência a pacientes em estado terminal — informa a agência *Deutsche Welle* (19/11/2010). A nova cátedra atende a uma exigência da Organização Mundial da Saúde (OMS), segundo a qual todo paciente terminal tem direito a ajuda médica, psicológica e espiritual.

“Capacitar médicos jovens, e mesmo os mais experientes, a prestar assistência espiritual é visto por nós hoje como uma tarefa da Medicina”, afirmou o Prof. Dr. Eckhard Frick, um dos criadores da nova cátedra.

Spiritual Care é por enquanto uma “disciplina experimental” e tem um prazo de cinco anos para se afirmar. Ela está associada à Medicina Paliativa, disciplina obrigatória nos cursos de medicina desde 2009, e tem como meta prioritária melhorar

a qualidade de vida dos pacientes e de suas famílias.

Diferentemente dos capelães em hospitais, que trabalham pela Igreja, os médicos prestam “assistência psicológica e espiritual” em nome da faculdade de medicina, atendendo pacientes de todas as confissões religiosas, e mesmo ateus, esclarece *Deutsche Welle*.



L. Osservatore Romano

Assembleia Plenária da Comissão Teológica Internacional

Ao termo de uma semana de reuniões realizadas na *Domus Sancta Marthæ*, no Vaticano, sob a direção do seu Secretário Geral, Pe. Charles Morerod, OP, os participantes da Sessão Plenária da Comissão Teológica Internacional foram recebidos em audiência pelo Papa no dia 3 de dezembro.

O Pontífice os acolheu agradecendo as palavras de homenagem do seu Presidente, o Cardeal William Joseph Levada, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, e acentuou que na raiz dos três importantes temas aprofundados na Assembleia está a experiência de sentir-se amado por Cristo e de amá-Lo. “Quem descobriu em Cristo o amor de Deus, infundido pelo Espírito Santo em nossos corações, deseja conhecer melhor Aquele pelo qual é amado e ao qual ama. Conhecimento e amor sustentam-se mutuamente. Tal como afirmaram os Padres da Igreja, quem ama a Deus é impelido a tornar-se teólogo, embo-

Bento XVI cria 24 novos Cardeais

Três importantes atos marcaram o Consistório Público no qual o Papa Bento XVI reforçou a Santa Igreja com a criação de 24 novos Cardeais: a jornada de estudo e reflexão, no dia 19 de novembro; a cerimônia de entrega do barrete cardinalício e da Bula de criação, no dia 20; e a solene Missa concelebrada, no dia 21.

Na homilia da cerimônia na Basílica de São Pedro, o Papa recordou que Cristo veio ao mundo para servir, não para ser servido. Esta “é uma mensagem válida para toda a Igreja, sobretudo para quem recebe o encargo de guiar o povo de Deus”, acentuou. Não é a “lógica da dominação”, mas a do serviço, a da Cruz, “que está na base de qualquer exercício da autoridade”, acrescentou. Em seguida, impôs o barrete e entregou a Bula de instituição a cada um dos novos membros do Sacro Colégio, dizendo: “É vermelho como sinal da dignidade do ofício de Cardeal, e significa que estás preparado para atuar com fortaleza, até o ponto de derramar teu sangue pelo crescimento da Fé cristã, pela paz e harmonia entre o povo de Deus, pela liberdade e expansão da Santa Igreja Católica Romana”.

Durante a Missa concelebrada no domingo, o Santo Padre fez a entrega do anel cardinalício. Após reafirmar, na homilia, sua missão de proclamar a Fé em Cristo Crucificado, sublinhou que, tanto o Papa como os Cardeais, devem “pensar e agir segundo a lógica da Cruz”. E precisou: “Não estamos unidos por uma ideia, por uma estratégia, mas pelo amor de Cristo e de seu Santo Espírito”.

Após esse Consistório, o terceiro do Pontificado de Bento XVI, o Colégio Cardinalício passa a compor-se de 203 membros, dos quais 121 são eleitores, isto é, têm direito a participar do Conclave para eleição de um novo Papa.

Entre os novos membros do Sacro Colégio encontra-se Dom Raymundo Damasceno Assis, Arcebispo de Aparecida, bem como Dom Mauro Piacenza, Prefeito da Congregação para o Clero, Dom Angelo Amato, SDB, Prefeito da Congregação para a Causa dos Santos, Dom Raymond Leo Burke, Prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica, e Dom Gianfranco Ravasi, Presidente do Pontifício Conselho para a Cultura.

L'Osservatore Romano



À esquerda, Dom Raymundo Damasceno Assis. À direita, vista do altar da Confissão durante a Missa de entrega do barrete e da Bula

ra nem sempre profissionalmente” — afirmou ele.

Cresce no Reino Unido o número de candidatos ao sacerdócio

Aumenta “lenta, mas decididamente” o número de candidatos ao sacerdócio na Inglaterra e País de Gales, informou o jornal *Catholic Herald*, de 17/11/2010. No final de 2010, os sete seminários maio-

res ingleses receberam 56 novos seminaristas e, segundo o Pe. Stephen Langridge, presidente do Comitê de Diretores de Vocações, esse aumento se acentuará mais, em consequência da recente visita do Papa Bento XVI.

Na conferência anual de diretores vocacionais, realizada em inícios de novembro no seminário da Diocese de Birmingham, o Pe. Christo-

pher Jamison, diretor do Centro Nacional para as Vocações, apontou a necessidade de lembrar aos jovens que Deus criou cada um de nós para prestar-Lhe um serviço bem definido. Quando todos tomarmos a sério esta consideração do Beato John Newman, acrescentou, “um número maior de jovens descobrirá sua vocação para o sacerdócio ou a vida religiosa”.

A imagem do espelho



Edith Peiteler

Aquela freira agonizante pedia com insistência algo que as suas irmãs de hábito não conseguiam entender. Até que uma das mais jovens pareceu compreendê-la...



Irmã Ana Rafaela Maragno, EP

Irmã Maria Pureza do Imaculado Coração fora uma religiosa piedosa e observante de sua regra. Havia entrado para o convento muito menina, com tão somente 15 anos, por uma concessão extraordinária do senhor Bispo, e ali vivera mais de seis décadas. Toda a comunidade a respeitara de maneira especial e, hoje, é venerada como uma verdadeira santa.

Sua história é muito interessante e bonita.

Havia nascido em uma família muito abastada e seu nome de batismo era Madalena Maria. Única filha entre cinco varões, a mãe se encantava com a pequena e o pai tinha denotada predileção por aquela a quem chamava de “minha princesinha”.

Ora, tudo isso a tornou muito vaidosa. Passava horas diante do espelho, penteando seus longos cabelos, loiros e cacheados, alisando suas finas sobrancelhas ou apenas contemplando seus grandes olhos azuis. Madalena cresceu muito mimada pela família, inclusive pelos irmãos, e recebendo sempre elogios por sua inegável formosura:

— “Que menina linda!”, “Que bonequinha!”, “Parece uma princesa!”.

Madalena ficou orgulhosa, arrogante e egoísta. Às vezes se recordava das lições do Catecismo de sua Primeira Comunhão, quando havia aprendido como a maior beleza de uma pessoa é a que reflete a humildade da alma e a pureza do coração. Todavia, o espelho continuava atraindo-a... e logo deixava de lado aqueles bons pensamentos para cair outra vez na mais intensa vaidade.

Uma noite, porém, Madalena teve um sonho. Sonhou que estava admirando-se no espelho e, de repente, sua imagem se transformou na figura de um anjo, olhando-a de modo severo. Assustada, escutou uma voz firme:

— Madalena... Madalena... Por que te preocupas tanto por tua aparência? O espelho é teu maior inimigo!

A menina se afastou daquele objeto antes tão atraente, mas não podia tirar os olhos da imagem ali fixada. E o anjo continuou, já com fisionomia mais amena:

— Madalena, se tu queres ser bela, sê pura! A pureza é a fonte de toda beleza!

Dizendo isso, desapareceu.

Madalena se despertou ofegante. Que havia passado? Buscou o espelho e olhou-se, vendo só sua própria imagem! No fundo da alma, compreendeu como seu orgulho e vaidade iam levá-la pelo mau caminho.

No dia seguinte, quis fazer uma visita às freiras do mosteiro de sua cidade, para pedir uma orientação. A madre superiora a acolheu com bondade e lhe recomendou ter muita devoção a Nossa Senhora, Rainha dos Anjos e Mãe Puríssima, pois ninguém na Terra havia sido tão linda quanto Ela, justamente por sua pureza virginal.

Madalena levou a sério o conselho da religiosa e sua vida mudou de maneira radical. Tornou-se humilde e prestativa, ajudava a todos que a ela recorriam, e unicamente se olhava no espelho o necessário para ter uma digna apresentação. Nasceu, então, em seu coração o desejo de reparar as faltas anteriores. Decidiu ser religiosa e fez

o propósito de nunca mais olhar-se no espelho!

Vencendo vários obstáculos — entre eles a incompreensão dos pais e sua pouca idade, a qual tornou necessária uma autorização especial —, por fim conseguiu entrar nas paredes benditas do mosteiro, onde almejava levar uma vida pura, humilde e virtuosa, e onde em nenhuma cela havia espelho...

Ali recebeu o nome de Irmã Maria Pureza do Imaculado Coração e cumpria seu propósito com perfeição. Obediente e recolhida, quando tinha a função de pegar água na fonte para a cozinha, o fazia com os olhos fechados, para não ver sua imagem refletida na água. Ou se era designada para lavar a roupa do convento, evitava fitar-se nos grandes tanques da lavanderia.

Sua devoção à Santíssima Virgem era notória. Continuamente viam-na rezando aos pés

das belas imagens de Maria que havia na capela ou no claustro, sobretudo diante da do Imaculado Coração. Sempre discreta e amável com as outras freiras, sua presença marcava a vida comunitária. Por isso, depois de passados tantos anos, suas irmãs a respeitavam como modelo de santidade.

Ela nem se dava conta, mas sua fisionomia, pela prática da virtude, havia se tornado ainda mais bela! Seu rosto possuía uma luminosidade antes inexistente e seus grandes olhos azuis, espelho de sua alma pura, adquiriram uma profundidade nova, tornando-se mais formosos e atraentes. Nem os anos conseguiram deteriorar aquela juvenil louçania, reflexo de um virtuoso interior.

Entretanto, sua saúde começou a debilitar-se com o tempo. Sem preocupar-se consigo mesma, seguia desempenhando suas funções e cumprindo as obrigações com esmero e amor. Até que, estando quase sem forças, viu-se obrigada a guardar repouso na en-



Evitava fitar-se até nos grandes tanques da lavanderia

fermaria. Aproximava-se a hora de prestar contas a Deus.

Pressentindo a chegada da morte, já febril e extenuada, Irmã Maria Pureza pedia algo que as freiras, ajoelhadas à sua cabeceira, não conseguiam entender. Pensavam estar ela delirando e rezavam a oração dos agonizantes. Mas a doente seguia balbuciando algumas curtas palavras.

Por fim uma jovem freira creu compreendê-la:

— Parece querer um espelho!

— Um espelho?! — exclamaram todas.

Como alguém que havia vivido tantos anos fugindo desse objeto podia pedi-lo na hora de morrer? Mesmo sem intuir o motivo de tão inusitado pedido, a superiora decidiu atender ao desejo da pobre moribunda. Mandou procurar um espelho e colocou-o nas mãos da enferma.

Ao sentir o peso do objeto, os olhos de irmã Pureza se abriram, ergueu a cabeça e delineou um enorme sorriso. Aquele milagroso espelho não refletia a fisionomia exausta da agonizante, mas sim rosto luminoso de Maria Santíssima. Viera buscar a alma daquela que, desaparecendo-se da própria beleza, havia se tornado digna de contemplar as maravilhas celestiais. ✧



Madalena levou a sério o conselho da religiosa e sua vida mudou de forma radical

OS SANTOS DE CADA DIA

1. Santa Maria, Mãe de Deus.

Beato Valentim Paquay, presbítero (†1905). Religioso franciscano belga, promotor da devoção ao Santo Rosário. Por sua assiduidade no confessionário, foi comparado com o Santo Cura d'Ars.

2. Epifania do Senhor (no Brasil, transferida da quinta-feira dia 6).

Santos Basílio Magno, (†379) e **Gregório Nazianzeno** (†390), Bispos e Doutores da Igreja.

Beata Maria Ana Soureau-Blondin, virgem (†1890). Fundou em Quebec, Canadá, a Congregação das Irmãs de Santa Ana, para educação dos filhos dos camponeses.

3. Santíssimo Nome de Jesus.

Santo Antero, Papa (†236). De origem grega, governou a Igreja por apenas 40 dias. Foi o primeiro Papa a ser enterrado nas catacumbas de São Calisto.

4. Beato Tomás Plumtree, presbítero e mártir (†1570). Executado em Durham, no reinado de Elizabeth I da Inglaterra.

5. Beata Marcelina Darowska, religiosa (†1911). Após a morte do marido e do filho primogênito, consagrou-se a Deus e fundou em Jazlowice, Ucrânia, a Congregação das Irmãs da Imaculada Conceição da Virgem Maria, para a educação das jovens.

6. São Pedro Tomás, Bispo (†1366). Religioso carmelita francês. Como Legado Pontifício e depois como Patriarca latino de Constantinopla, esforçou-se por promover a união com as Igrejas do Oriente.

7. São Raimundo de Peñafort, presbítero (†1275).

São Ciro, Bispo (†714). Monge da Paflagônia (norte da Turquia), eleito Patriarca de Constantinopla. Foi expulso da sua Sé e morreu no exílio.

8. São Jorge de Koziba, monge (†cerca de 614). Originário de Chipre, passou a morar como eremita em Koziba, nas proximidades de Jericó. Vivia recolhido em sua cela durante a semana, e saía aos domingos para pregar e dar orientação espiritual a seus irmãos.



Beata Marcelina Darowska

9. Batismo do Senhor.

Beatos José Pawłowski e Casimiro Grelewski, presbíteros e mártires (†1942). Sacerdotes poloneses enforcados no campo de concentração de Dachau, Alemanha.

10. Santa Leônia Francisca de Sales Aviat, virgem (†1914). Fundou em Troyes, França, a Congregação das Irmãs Oblatas de São Francisco de Sales, para assistência às jovens operárias, à cuja educação dedicou-se com amor materno.

11. São Tomás de Cori, presbítero (†1792). Sacerdote franciscano ita-

liano, pregador e diretor espiritual. Exerceu seu apostolado em Subiaco e dioceses circunvizinhas.

12. Santo Arcádio, mártir (†cerca de 304). Morto após atrozes suplícios em Cesareia de Maurîtânia, Argélia, por negar-se a sacrificar aos ídolos.

13. Santo Hilário de Poitiers, Bispo e Doutor da Igreja (†367).

São Remígio, Bispo (†cerca de 533). Bispo de Reims, França, durante mais de 60 anos. Batizou o rei Clóvis e converteu o povo franco a Cristo.

14. Beato Pedro Donders, presbítero (†1887). Religioso redentorista holandês. Durante 45 anos, exerceu apostolado junto aos leprosos, na Guiana Holandesa (Suriname).

15. São Bonito de Clermont, Bispo (†cerca de 710). Prefeito de Marselha, França, eleito Bispo de Clermont-Ferrand, para substituir seu irmão Santo Avito. Renunciou dez anos mais tarde e retirou-se ao cenóbio de Mangleiu.

16. II Domingo do Tempo Comum.

Santa Joana de Bagno di Romagna, virgem (†1105). Religiosa do Mosteiro Camaldulense de Santa Lúcia, nas proximidades de Bagno di Romagna, Itália.

17. Santo Antão, abade (†356).

São Sulpício o Pio, Bispo (†647). Bispo de Bourges, França, despertou admiração por sua generosidade, especialmente para com os pobres e os doentes.

18. Beata Regina Protmann, virgem (†1613). De família patricia prussiana, abandonou aos 18 anos a casa paterna para iniciar, com duas companheiras, uma vida comuni-

tária dedicada à assistência aos pobres, aos doentes e à educação das jovens. Daí surgiu a Congregação das Irmãs de Santa Catarina.

Paulo Mikko

19. São Macário Magno, presbítero e abade (†390). Discípulo de Santo Antão, viveu como eremita no deserto durante mais de 50 anos. Juntando-se a seu redor vários discípulos, constituiu com eles o mosteiro de Scete, no Egito.

20. São Fabiano, Papa e mártir (†250).

São Sebastião, mártir (†séc. IV).

Beata Maria Cristina da Imaculada Conceição, virgem (†1906). Fundou em Casória, Itália, a Congregação das Irmãs Vítimas Expiatórias de Jesus Sacramentado, para Adoração Perpétua ao Santíssimo Sacramento e formação cristã das crianças.

21. Santa Inês, virgem e mártir (†séc. III/IV).

Santo Albano Roe e Beato Tomás Green, presbíteros e mártires (†1642). Encarcerados por exercerem o ministério sacerdotal na Inglaterra, foram enforcados e esquartejados em Thyburn, Londres, após vários anos de prisão, no reinado de Carlos I.

22. São Vicente, diácono e mártir (†304).

São Bernardo, Bispo (†842). Deixando o exército de Carlos Magno, distribuiu seus bens aos pobres, ingressou na milícia de Cristo e foi nomeado Bispo de Vienne, França. Construiu os mosteiros de Ambronay e de Romans.

23. III Domingo do Tempo Comum.

São Clemente, Bispo e **Santo Agatângelo**, mártires (†séc. IV). Mortos em Ancara, Turquia, durante perseguição do imperador Diocleciano.



“São Remígio batiza o rei Clóvis” - Santuário de Lourdes (França)

24. São Francisco de Sales, Bispo e Doutor da Igreja (†1622).

São Feliciano de Foligno, Bispo (†séc. III). Evangelizou uma vasta zona da Úmbria, Itália, e foi, durante 56 anos, o primeiro Bispo daquela região.

25. Conversão de São Paulo, Apóstolo.

Beato Manuel Domingo y Sol, presbítero (†1909). Fundou em Tortosa, Espanha, a Irmandade de Sacerdotes Operários, para fomentar as vocações sacerdotais.

26. São Timóteo e São Tito, Bispos.

Beata Maria de la Dive, mártir (†1794). Viúva guilhotinada durante a Revolução Francesa, por sua fidelidade à Igreja.

27. Santa Ângela de Mérici, virgem (†1540).

São Juliano de Le Mans, Bispo (†séc. IV). É considerado o primeiro Bispo de Le Mans, França.

28. São Tomás de Aquino, presbítero e Doutor da Igreja (†1274).

Santa Ágata Lin Zhao, virgem, **São Jerônimo Lu Tingmei** e **São Lourenço Wang Bing**, catequistas e mártires (†1858). Decapitados em Macau, China, após terem sido denunciados como cristãos.

29. São Gildas, o Sábio, abade (†570). De nobre família escocesa, entrou para o célebre mosteiro de Llanilltud Fawr, no País de Gales. Fundou o mosteiro de Rhuy, na Bretanha francesa, do qual foi abade.

30. IV Domingo do Tempo Comum.

São Tomás Khuông, presbítero e mártir (†1860). Sacerdote dominicano decapitado no Vietnã por ter se declarado cristão durante a perseguição do imperador Tu Đức.

31. São João Bosco, presbítero (†1888).

São Metrano, mártir (†cerca de 249). Por negar-se a proferir palavras ímpias, foi torturado e apedrejado pelos pagãos, em Alexandria, Egito.



Deslumbrante tradição

Monumentais estruturas luminosas fazem resplandecer, por ocasião do Natal, a cidade de Medellín. Nascidas do nosso tradicional amor à Mãe de Deus, elas preparam os corações para receber o Salvador do mundo.

Os primeiros cristãos usavam nas catacumbas velas ou tochas para iluminar os altares e corredores.

Mas, com o passar dos séculos, essas fontes de luz adquiriram um papel mais nobre, como símbolos da vitória de Cristo sobre o pecado. Expressivos exemplos disto são o Rito do Fogo Novo e a bênção do Círio Pascal, no Sábado de Aleluia, a vela utilizada na cerimônia do Batismo, e a Coroa de Advento, que prepara para a vinda de Nosso Senhor.

Também não faltam na Sagrada Escritura referências a essa bela analogia: “A luz brilha nas trevas, e

as trevas não conseguiram dominá-la” (Jo 1, 5), anuncia o Evangelho na terceira Missa do Natal. E, numa das leituras desse mesmo dia, Isaías proclama: “O povo, que andava na escuridão, viu uma grande luz; para os que habitavam nas sombras da morte, uma luz resplandecer” (Is 9, 1).

Fontes de claridade e calor, as velas são, além do mais, sinal de vida e alegria. Esse é o motivo pelo qual muitas cidades do mundo comemoram o festivo período do Natal com belas ornamentações luminosas, como acontece em Medellín, Colômbia, onde o costume do *Alumbrado*

Navideño (Iluminação de Natal) remonta até uma das nossas mais antigas e comovedoras tradições.

Desde o início da presença espanhola na América, no século XVI, a festa da Imaculada Conceição de Nossa Senhora era comemorada com especial destaque. Já em fins do século XVII, 8 de dezembro era dia santo de guarda em todos os reinos de Sua Majestade Católica; em inícios da centúria seguinte, o Papa Clemente XI estendeu esse benefício para toda a Igreja. E houve na Espanha e em toda a América Espanhola uma verdadeira explosão de alegria quando, em 1854, Pio IX procla-



Juan Pablo Cadavid

mou o dogma da Imaculada Conceição, do qual havia sido ardoroso defensor o Reino Cristianíssimo.

Para comemorar essa solenidade, estabeleceu-se na Colômbia o costume de iluminar na véspera igrejas e residências, lojas e escritórios, sacadas e jardins com velas multicoloridas. Assim, 7 de dezembro — que marca também o início das comemorações de Natal — passou a ser “*el Día de las Velitas*” (o Dia das Velinhas), no qual as famílias se reúnem jubilosas para acender círios e lâmpadas de variadas cores, expressão da sua devoção mariana.

Em Medellín há já quatro décadas que as margens do rio que cruza a cidade, o Cerro Nutibara e diversos lugares históricos são enfeitados com monumentais estruturas luminosas, organizadas pelo grupo empresarial EPM (Empresas Públicas de Medellín) e pelo setor comercial da região. Nas montagens do *Alumbrado* de 2010 foram usados mais de 15 milhões de lâmpadas, 320 quilômetros de mangueira luminosa, 1.600 projetores de LEDs, e 7 toneladas de papel metalizado, além de grandes quantidades de outros materiais.

Um motivo diferente inspira a execução do *Alumbrado* a cada ano.

Neste último, o Cerro Nutibara, localizado no centro da cidade, ostenta em seu cume o presépio com a Sagrada Família, lembrando a quantos o contemplam o verdadeiro significado do Natal. Montados em seus camelos, os três Reis Magos dispõem-se a iniciar a subida para prestar homenagem ao Deus Encarnado, enquanto cenas de infantil inocência e fantasia espalham-se pelo parque adjacente.

É, assim, desbordante de luz e colorido, simbolizando alegria e esperança, que a cidade de Medellín comemora o nascimento do Salvador do mundo. ✧

"Virgem Branca" -
Catedral de Toledo (Espanha)



Mario Baveloni

*D*ivisa-se no
rosto de
Maria o reflexo
do misterioso
rosto do Pai. A
infinita ternura
de Deus-amor
revela-se nos
traços maternos
da Mãe de Jesus.

(João Paulo II,
Audiência Geral,
5/1/2000)